



CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

boletim

**mágico**

outubro 2021

edição n.21 aperiódico

Editorial **01**

**03** Entrevista com  
Diana Rabinovich

O que é a formação  
permanente em psicanálise? **35**  
Marco Antonio Coutinho Jorge

**49** A incidência ética da  
psicanálise e o campo do  
feminino: um ensaio  
Fernanda Samico

Informes **53**

**55** Acontecidos

# EDITORIAL

Caros leitores,

desejamos encontrá-los bem, vacinados, conquanto ainda estejamos passando por uma etapa da pandemia que nos exige contínua atenção ao Coronavírus e às suas variantes. Continuemos, pois, atentos e cuidadosos.

Na presente edição, o Bloco Mágico 21 homenageia Diana Rabinovich – proeminente psicanalista argentina, falecida em abril deste ano, vítima da Covid-19. Sendo assim, convidamos os leitores a apreciar a rica, interessante e esclarecedora entrevista de Diana, publicada pela Revista Acheronta, e concedida no ano de 2001, em Buenos Aires, numa roda de conversa que contou com a interlocução de vários psicanalistas.

Com sua fala refinada, Rabinovich discorre sobre as diversas questões afetas à prática analítica em sua experiência clínica, ao diálogo proposto com a teoria e o estabelecimento dos textos lacanianos, ao seu exílio na Venezuela, ao encontro com Lacan, em 1978, como também à sua relação com Jacques -Alain Miller. Discute, ainda, sobre as instituições psicanalíticas, o processo analítico, a importância da clínica e da formação do psicanalista, a questão do passe e sobre suas vindas ao Brasil. É também nesta entrevista que Rabinovich nos guia aos meandros do Encontro de Caracas, falando sobre a presença de Lacan e o desdobramento das escolas de orientação lacianiana. De suas palavras, quanto ao legado de Lacan, recortamos: *“Assim, os três pontos em que Lacan sintetiza a interpretação em l’Etourdit: equívocos, lógica e gramática, perpassam grande parte de seu ensino... Faz uma nova síntese de coisas diferentes, uma nova*

*organização da estrutura. Parece-me vital perceber que a interpretação tem essas três dimensões e que, portanto, Lacan não nos deixa uma técnica, mas um certo guia sobre a operação.”*

Na sequência, apresentamos o texto de Marco Antonio Coutinho Jorge: *O que é a formação permanente em psicanálise?* Nessas reflexões, decorrentes da conferência proferida na Jornada Interna da Formação Básica, no Corpo Freudiano Núcleo Barra Mansa, o autor aponta ser esse um tema recorrente que se renova continuamente em sua complexidade na trajetória de formação analítica na instituição. Enfatiza que Lacan, com seu pensamento herético, subverte os protocolos burocráticos e ritualistas (análise didata, ensino teórico-universitário e supervisão obrigatória, protocolar) da formação vigente da IPA, formação essa dominada pelo discurso universitário e do mestre. Em direção diversa, Coutinho Jorge entende a psicanálise como uma prática que convoca a surpresa, o inesperado abarcado pelo discurso analítico, no qual predomina a “douta ignorância” do psicanalista em sua prática; um discernimento de que a formação analítica implica num real. O autor ressalta que Lacan não deixa de trabalhar com o tripé clássico: análise pessoal, ensino teórico e supervisão clínica, somente os subverte. Segundo Coutinho Jorge: *“... ele [Lacan] introduziu no âmbito da formação o mais possível dos processos inerentes à própria análise, ou seja, a produção da subjetivação...” “...a ideia do não saber do analista não significa ignorância, significa uma posição subjetiva relativa ao saber inconsciente...”*

Por último, conferindo um arremate às discussões propostas nesta edição, temos a apresentação do artigo *A incidência ética da psicanálise e o campo do feminino*, de Fernanda Samico, psicanalista e diretora do Corpo Freudiano Núcleo Vassouras.

A autora propõe comparecer uma singularidade na lógica do tratamento em psicanálise, também apresentada na contingência da posição feminina, que possibilita sustentar a operatividade da análise em uma posição feminina, considerando-se o matema da identidade sexual, preconizada por Lacan. Nessas elaborações, evidencia a radicalidade existente na psicanálise no que se diferencia das demais práticas psicoterapêuticas a partir da teoria dos quatro discursos, que visa inscrever aquilo que funda a palavra em seus efeitos da emergência do sujeito na associação livre. De acordo com Fernanda Samico: “*Cabe,*

*então, pensar uma direção do tratamento mais avizinhada ao campo do feminino...em causar a mais pura diferença a partir da não elisão do real e do acolhimento do que é próprio do ser falante e sua condição desamparada frente à linguagem, ao desejo e ao gozo...*”

Por fim, indicamos, ainda, que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no site da Escola e nas respectivas páginas oficiais de Facebook e Instagram.

Desejamos a todos excelentes leituras e articulações.

Rio de Janeiro, outubro de 2021

Tania Rosas  
Editora

## BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, MÁRCIA XAVIER, MARIA CECÍLIA SOUSA E PAULA MARIBONDO

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

[blocomagico@corpofreudiano.com.br](mailto:blocomagico@corpofreudiano.com.br)



## CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

[contato@corpofreudiano.com.br](mailto:contato@corpofreudiano.com.br)

[www.corpofreudiano.com.br](http://www.corpofreudiano.com.br)

### BRASIL

#### SEÇÕES

Belém (PA)  
Campos dos Goytacazes (RJ)  
Cuiabá (MT)  
Fortaleza (CE)  
Goiânia (GO)  
Imperatriz (MA)  
Rio de Janeiro (RJ)  
São Luís (MA)

### NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)  
Brasília (DF)  
Dourados (MS)  
João Pessoa (PB)  
Macaé (RJ)  
Nova Friburgo (RJ)  
Porto Alegre (RS)  
São Paulo (SP)  
Teresina (PI)  
Teresópolis (RJ)

Vassouras (RJ)

### FRANÇA

SEÇÃO  
Paris

### ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO  
Boston

# Entrevista com Diana Rabinovich<sup>1</sup>

A entrevista a seguir, realizada por G. Herreros, N. Ferrari, G. Pietra e M. Sauval com Diana Rabinovich, transcorreu como uma espécie de um longo bate-papo gravado, depois transcrito e estabelecido por M. Sauval, e posteriormente revisto pela própria Rabinovich. Como não é possível resgatar todos os acordos tácitos estabelecidos naquele tempo-lugar entre os interlocutores (muito próprio dos momentos do uso exclusivo da língua falada), um caminho editorial foi privilegiado para a melhor transmissão desta experiência de fala (em língua espanhola) para a tradução-versão em língua portuguesa escrita. Optamos por manter ao máximo o estilo da entrevistada, como, por exemplo, no uso de termos em vários idiomas estrangeiros, efetuando apenas as traduções que implicavam clareza e/ou precisão teórica. Todas as rubricas originais foram mantidas e expressões entre colchetes foram acrescentadas para facilitar a fluidez da leitura nas ocasiões em que a retomada de sentido parecesse lacunar. No mais, fica aqui o convite para a leitura dessa “conversa”.

**M. Sauval:** O formato eletrônico, diferente da televisão ou dos meios gráficos, onde os tempos ou os espaços são sempre muito limitados, permite-nos uma ampla liberdade em termos de extensão. As coisas longas não são necessariamente boas: como acontece com quase todas as coisas, tudo depende de saber encontrar o caminho certo. No nosso caso, aplicado às entrevistas, verificamos que permite um diálogo e uma apresentação, tanto da pessoa quanto de suas ideias, pouco habituais. A ideia, então, é um diálogo amplo sobre os temas que forem surgindo espontaneamente.

Pensamos que a psicanálise vive um momento especial. Isso implica vantagens e desvantagens. Novamente, buscando o caminho certo, diferentemente de outras épocas, pensamos que uma das vantagens seria que se faz possível certa transversalidade na escuta.

Por essa razão, escolhemos dialogar (e transmitir em nossa revista esses diálogos) com algumas pessoas que nos parecem interessantes ou que ocupam um lugar importante na história da psicanálise. A senhora é uma delas.

**D. Rabinovich:** Obrigada.

**M. Sauval:** Então, para começar, poderíamos fazer-lhe duas perguntas, à sua escolha.

Uma opção seria a seguinte: a senhora voltou ao Brasil em julho para apresentar um seminário sobre as bases da clínica lacaniana...

**D. Rabinovich:** “as bases”, [como termo] estava inadequado... foi um mal entendido.

---

<sup>1</sup> Essa entrevista com a Dr<sup>a</sup> Diana Rabinovich foi publicada originalmente em espanhol na Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura, número 13, de Julho de 2001. ISSN – 0329-9147. (link de acesso: <https://www.acheronta.org/reportajes/rabinovich.htm>). A tradução para o português foi gentilmente autorizada pelo Dr. Michel Sauval. Tradução de Arthur Teixeira Pereira. Revisão: Márcia Xavier.

O título é uma pergunta: “Existe uma clínica lacaniana?”

**M. Sauval:** Bom... esse seria um dos lados por onde poderíamos começar: existe uma clínica lacaniana?

A outra opção seria a seguinte: como a senhora chegou à psicanálise? Por exemplo, faz um tempo que Guillermo se lembrava de tê-la visto entre os autores de um velho livro sobre técnicas projetivas, coordenado por Frank de Verteli. Então... oras ... o que uma lacaniana estava fazendo ali? (risos)

**N. Ferrari:** ... Como chegou lá? (risos)

**M. Sauval:** Isto sem espírito pejorativo, posto que nessa transversalidade — que acabamos de comentar — que caracteriza os diálogos, se incluem muitas pessoas que pertencem a instituições mais propriamente pós-freudianas do que lacanianas, pessoas cuja leitura de Lacan é muito tangencial.

**D. Rabinovich:** Pessoas que me conhecem... e que aprecio...

**M. Sauval:** Pessoas com quem, por vezes, surpreendentemente, se prefere conversar do que com muitos "lacanianos".

**D. Rabinovich:** Não me surpreende. (risos) Não estamos com uma boa impressão. As duas perguntas são possíveis para começar. Qual delas preferem?

**N. Ferrari:** Me interessaria que a senhora pudesse fazer uma breve revisão de seu percurso desde... (risos)

**D. Rabinovich:** Acho que precisam ter uma coisa clara para entender meu percurso. Terminei psicologia muito jovem, aos 20 anos. Depois estudei quase toda medicina, mas não concluí porque fui para o exterior. Nessa época, não havia psicólogos — ainda que pareça inacreditável — e aos 18

comecei a trabalhar, primeiro no Israelita, e depois no Lanús, com Goldemberg.

Havia poucas pessoas, e como eu era muito jovem para fazer outra coisa... comecei a trabalhar com técnicas projetivas. Inclusive, meu primeiro concurso foi como Chefe de trabalhos práticos em Técnicas Projetivas, no ano de 1965...

**M. Sauval:** Ou seja, dos primeiros grupos de egressos da faculdade de psicologia...

**D. Rabinovich:** A segunda. Com discrepância de idade, porque eram todos mais velhos que eu. Tenho uma espécie de defasagem geracional por conta disso. Quer dizer, meus contatos foram pessoas mais velhas que eu. Muitas pessoas da IPA (Associação Psicanalítica Internacional) me conhecem de outra época. A psicanálise sempre me interessou. O desvio para as técnicas projetivas tem um interesse particular, sobretudo em torno do Rorschach, sobre o qual escrevi muitos trabalhos, inclusive publicados em alemão e em inglês. Ainda há pessoas que me procuram para pedir grupos de Rorschach. (risos)

Sigo pensando que o Rorschach é um grande instrumento diagnóstico. Eu trabalhei muito tempo fazendo diagnósticos às cegas, isto é, sem saber nada do sujeito. E caso se saiba analisá-lo formalmente, que é o que eu fazia — trabalhava com Vera Campo, que tinha relação com a IPA — é possível fazer diagnósticos bastante precisos, especialmente se há algo de organicidade, coisa que nas crianças, às vezes, é de suma importância. Essa foi, um pouco, a primeira época, até que comecei a exercer a psicanálise...

**G. Herreros:** Diana, a senhora disse que estudou medicina?

**D. Rabinovich:** Estudei 5 anos. Não terminei porque havia tirado umas férias curtas —



meu segundo filho havia nascido — e depois me mudei de país. Me mudei em 75, antes do golpe...

**G. Herreros:** A senhora já era formada em psicologia e foi estudar medicina...

**D. Rabinovich:** Sim, mais velha, estando casada, comecei a estudar medicina. Nesse momento, com interesse em entrar na IPA, coisa que quando eu já estava no terceiro ano de medicina não me interessou mais.

Nesse sentido, diria que um verdadeiro curso que permitisse exercer não só a psicanálise, mas também outras terapias, exige certa atualização dos conhecimentos médicos, certo conhecimento global do saber médico, que é necessário. Não se deve enganar. Pelo menos o que se ensinava em alguma época no curso de Psicologia, faz muito tempo, quando se ensinava fisiopatologia aplicada à psicologia, muito detalhada, quando havia toda uma série de matérias que supriam isso, e que agora quase não existem.

Desse modo, as pessoas não sabem a diferença que há entre um ataque histérico e uma crise epiléptica. O que é muito grave. São essas situações capitais da clínica que um psicanalista tem que saber, como parte de sua formação de base. Depois poderá ir aprendendo outras coisas, e seguirá aprendendo sobre isso.

Para mim, talvez a mistura dos dois cursos tenha sido muito útil. Nunca tive uma tendência biologicista, mas o que aprendi serviu para mim, especialmente na clínica. É verdade que eu já era uma estudante mais velha, que estudava a partir de outra posição. Não é igual a alguém que entra com 18 anos. Quer dizer, não passaram por cima de mim, como se costumava fazer nessa época. Isso foi em 1967, nessa ocasião estavam Lanusse e Onganía [presidentes argentinos], era muito severa a Faculdade, com uma impunidade absoluta.

**M. Sauval:** A senhora partiu para Venezuela em 1975. A senhora era mesmo ativista ou era familiar ou amiga de ativistas?

**D. Rabinovich:** Tínhamos laços, do tipo que podiam nos afetar. Nós nunca fomos partidários da luta armada, mas como todos que já viveram em certa época, tínhamos contatos suficientes e participação ativa em coisas como o Centro de Saúde Mental — não sei se é possível localizar o CDI — se chamava Docência e Investigação...

**M. Sauval:** A senhora estava lá?

**D. Rabinovich:** Eu estava lá, na cadeira de Rafael Paz e na de Bleichmar. Lá dei minha primeira teoria sobre o estádio do espelho — ainda há pessoas que a utilizam. Deve ter sido no ano de 1973 ou 1974. Eu estava lá quando foi feita a invasão em busca do cadáver de Aramburu. Com o qual, embora eu não tivesse cometido nenhum delito, muitos amigos do meio psiquiátrico, econômico, etc. começaram a cair... digamos que foi uma decisão de judia paranoica. (risos)

**G. Herreros:** E como conheceu Lacan?

**D. Rabinovich:** A única pessoa que nos havia falado de Lacan foi Bleger, que nos havia feito estudar um pouco da polêmica Lacan-Lagache. Era em 1963 ou 1964. Era um pouco como um mistério: pensem que os *Escritos* saíram em 1966. De modo que havia um pequeno grupo que sabia quem era este senhor que estava fazendo umas coisas importantes, que havia tido uma disputa com Lagache, etc.... Mas a mim chegou por meio de Bleger, não por Pichon Rivière.

**M. Sauval:** A maioria dos primeiros lacanianos passou por Pichon Rivière.

**D. Rabinovich:** Eu não. Nunca gostei dos grupos operativos. (risos) Não os suporte, desde menina. Essa ideia de que as pessoas falem do que acontece com elas em um

grupo de trabalho, não a suporte. Talvez também daí venha minha resistência aos cartéis. Porque eles têm algo, ao menos a grande maioria dos que eu conheci, pelo qual são afinal uma reunião social, onde se fala um pouco de teoria, e nada mais.

**M. Sauval:** Supõe-se que foram criados justamente para que isso ocorra.

**D. Rabinovich:** Não tenho dúvidas, mas França e Argentina não são iguais, nem América Latina. Aqui as pessoas se reúnem muito. Não é como se se reunissem pouco. Na França, juntar quatro franceses é muito difícil. Me surpreende que ninguém tenha falado disso com relação aos cartéis. Na Escola Freudiana, as pessoas não trabalhavam umas com as outras, não se davam tempo.

Então tenhamos claro que certas invenções institucionais de Lacan estavam muito vinculadas à situação francesa, segundo a qual era o tipo de relação dos franceses entre si. E nosso problema é, antes, como trabalhar sozinhos. Por um problema cultural: o cuidado, sustentar as pessoas, uma certa “maternidade” das pessoas, é próprio de nossa cultura. Nossa cultura é muito mais materna nesse sentido. Então deve-se aliviar os outros, deve-se ajudar o outro; se o sujeito se entende, tudo bem, mas se não, alguém o ajuda. É uma atitude muito particular.

**M. Sauval:** Somos mais cristãos do que os franceses, talvez...

**D. Rabinovich:** ... ou mais latinos! Isso faz parte de uma tradição latina, na qual entram Espanha, Itália, etc. Evidentemente, a Espanha teve um freio nisso por haver deixado o Franco, e os espanhóis não tinham os hábitos que nós tínhamos, mais tarde, nos anos setenta, de nos fecharmos em grupos pouco visíveis, para fazer as coisas juntos. Os grupos de estudo surgiram em decorrência da proibição de entrar na

APA (Associação Psicanalítica Argentina). As pessoas se esquecem disso...

**M. Sauval:** Por isso fizemos essas entrevistas. (risos)

**D. Rabinovich:** As pessoas começaram a pedir grupos de estudo porque não tinham acesso à APA. Tínhamos professores que eram confiáveis, então íamos estudar a mesma coisa, mas por fora.

Isso também faz com que toda essa descoberta francesa do “psicanalista que se autoriza a si mesmo”, e toda essa história, realmente, aqui muitos psicólogos a haviam assumido. Porque todos começamos a exercer em uma situação de ilegalidade, especialmente na época de Onganía, em 1966, e com bastante medo, porque não tínhamos nenhuma cobertura legal.

Hoje em dia, já existe a lei que determina as incumbências dos psicólogos. Mas nessa época se supunha que um psicólogo iria realizar testes ou pesquisas. Dessa forma, para toda uma geração, aqui, algumas coisas que Lacan dizia não eram mais importantes. Nem os cartéis nem, a meu gosto, “o analista se autoriza a si mesmo”, “e a alguns outros”, são novidades na Argentina. Porque aqui havia para-IPAs de todos os tipos. Que eram melhores que os para-militares! (risos)

**G. Herreros:** E o que de Lacan tocou a senhora?

**D. Rabinovich:** Olhe, eu comecei a ler seriamente Lacan em 1966, quando saíram os *Escritos*. Até esse momento era muito difícil ter alguma informação concreta. Eu diria que depois do choque inicial — os seminários não existiam — vi que respondia a certos problemas que eu já havia visto na clínica. Por isso me impactou.

Foi um esforço louco ler os *Escritos*. Mas foi real o que Lacan levantou a respeito do esquecimento do Édipo clássico pelos



kleinianos da época, por conta do excesso de ênfase dado ao aqui e agora transferencial, etc. Eram coisas sobre as quais muitos de nós tínhamos muitas dúvidas; pelo menos eu. E a leitura de Lacan começou a responder perguntas que eu tinha. Se sentia em alguns lugares que estava falando de uma coisa clinicamente importante. ou seja, não cheguei a Lacan nem através da literatura nem através da filosofia. Não tive nenhuma relação com o grupo que esteve ao lado de Masotta. Isso é claro: eu respeito Masotta, não nego seu lugar. Mas sua forma de ensinar não me interessava. Além disso, me parecia que havia um enorme desconhecimento das bases da psicanálise; isso implica tanto Freud, quanto Klein, Winnicott, e muitos outros autores. E não me parecia que era a melhor maneira de acessar Lacan.

**G. Herreros:** A senhora entrou pela clínica, digamos.

**D. Rabinovich:** Exatamente. E porque não havia respostas para certos problemas da clínica no kleinismo. Então há tanto um retorno meu a Freud quanto um começar a ler Lacan. Mas Lacan me agarrou por esse lado, e não pelo deslumbramento filosófico ou literário.

**G. Herreros:** Não pelo gongorismo...

**D. Rabinovich:** Eu não desgosto do gongorismo... além do mais, eu trabalhei sobre Góngora, bastante...

**M. Sauval:** Não lhe parece que poderíamos construir uma ponte entre esse tipo de aproximação que a senhora assinala a respeito de Masotta com o tipo de aproximação que atualmente teríamos pela via da psicanálise derridiana?

**D. Rabinovich:** O que é uma psicanálise derridiana?

**M. Sauval:** René Major, o *Estados gerais da Psicanálise*, certa ideia de associar a psicanálise à análise desconstrutiva.

**D. Rabinovich:** No máximo eu diria que há uma certa desconstrução da fantasia. E uma construção por sua vez. Mas não posso pensar que a psicanálise se baseia na ordem da realidade. Pode pegar coisas de Foucault, de Derrida, de Deleuze...

**M. Sauval:** Por isso pergunto se esse tipo de psicanálise não tem semelhanças com o tipo de psicanálise que poderia ocorrer no entorno de Masotta.

**D. Rabinovich:** Não. No entorno de Masotta se propunha uma psicanálise — que é o que me afastou — em que as pessoas repetiam frases que não entendiam. Isso me deixava muito louca. Se eu não entendo algo, não o entendo, e espero para falar e entendê-lo. Mas me parecia loucura quando as pessoas — estou falando dos anos sessenta, setenta — citavam frases de Lacan, que quando paravam para pensar um pouco não sabiam o que eram. Além disso, falando de clínica, mas descontextualizados da clínica. Porque essas pessoas que começam a formação em psicanálise, praticamente, quando algumas saem da medicina e outras da psicologia, com Masotta, e alguns com Bauleo, e outro — que eu acho que está no Brasil — o Baremlitt...

**G. Herreros:** Não, está na Espanha.

**D. Rabinovich:** Não. Há dois Baremlitt. Tem o Valentín Baremlitt, o psiquiatra, e tem outro psiquiatra, que já teve muito apelo aqui, que é Gregorio Baremlitt, que eu acho que agora está em São Paulo, e que estava se aproximando de Deleuze, em alguns pontos: o anti-Édipo. Com muita crítica a Lacan, mas a um Lacan que eles não conheciam muito bem.

Eles estavam mais voltados para temáticas de saúde mental, e muitos deles tiveram que exilar-se. Quer dizer, parece-me que os

dois fenômenos não podem ser comparados.

**M. Sauval:** Pensava pelo lado dessa acentuação do caráter interminável das conexões significantes, por exemplo, o trabalho que Abraham e Torok fazem com o homem dos lobos.

**D. Rabinovich:** Eles conseguiram terminar de ler? (risos)

**M. Sauval:** Sim, mas interpretando pelo lado do humor.

**D. Rabinovich:** Essa é a única maneira de lê-lo. (risos) Comecei com muita boa vontade, e sem pré-julgamentos, e a verdade é que foi começando a me aborrecer de uma forma... porque chegaram a um ponto absurdo...

**M. Sauval:** ... por isso. Tem que se levar com humor! Mas esse é um tipo de psicanálise que é feito nas proximidades de Derrida.

**D. Rabinovich:** Pode ser. Mas não os encontrei clinicamente. Quer dizer, nunca ouvi posições deles, na dimensão da clínica — é isso que quero dizer — e vou bastante a Paris. Eu sei o quanto uma certa posição não significa. Como por exemplo, para ir ao outro extremo, a tentativa de Allouch de associar Foucault e Lacan é interessante, não estou dizendo que não, mas a verdade é que me parece que algo está errado aí, que Foucault deve ser lido, e transformado de alguma forma, como Lacan transformou tantas coisas, para que isso tenha a ver com a clínica. É difícil. Me parece interessante. Li quase todos os livros dele. Acho que agora saiu um novo...

**M. Sauval:** "O sexo do mestre".

**D. Rabinovich:** Mas é um livro?

**M. Sauval:** Sim.

**D. Rabinovich:** No texto de Allouch há uma tentativa de articulação. Pode-se concordar mais ou menos. Mas nos derridianos, não há articulação explícita. Isso não quer dizer que Derrida não diga coisas interessantes. Porque lê-lo sempre sugere coisas. Mas apenas até aí. Para passar, como tal, a desconstrução para a psicanálise, ... é como se Lacan tivesse tomado Saussure pelo valor da letra. Derrida não pode ser lido ao pé da letra para trabalhar em psicanálise. Que clínica existe aí?

**M. Sauval:** Me dá impressão de que essa linha permite ser menos rigoroso.

**D. Rabinovich:** O problema da falta de rigor conceitual está, por um lado, na imprecisão dos termos derridianos e, por outro, também na banalização dos termos lacanianos. Em outras palavras, uma ortodoxia nos oferece o mesmo panorama que outra criação um pouco menos ortodoxa nos oferece. Mas são muito parecidas: não se sabe muito bem do que falam. O referente implícito está perdido; o referente em um sentido lacaniano forte, o real lacaniano. Tem-se a impressão de que desliza o tempo todo.

E essas mesmas pessoas que falam do real o tempo todo, tenho a impressão de que não têm a menor ideia do que estão falando. Para mim — como já comentei muitas vezes com o Eduardo — é isso que mais me incomoda. Pessoas que repetem — inclusive de boa fé, que nem mesmo o fazem de má fé — e que não sabem o que dizem, mas num sentido que não é o do inconsciente, mas o do estúpido. (risos) Como quando Lacan diz, "às vezes um lapso é um lapso, e às vezes é ignorância". Eu diria, dessa qualidade.

**M. Sauval:** E como foi sua experiência com Lacan? Porque a questão da pessoa Lacan está sempre presente. Por exemplo, me chamou a atenção, por ocasião do recente centenário de seu nascimento, que ao contrário de outros tempos, os jornalistas,

nas notas dos grandes jornais, têm sido bastante críticos e sarcásticos, sublinhando o que teria sido seu caráter despótico, sua soberba, ...

Hoje, Norma nos contou sobre seu encontro com uma secretária em um consultório de um oftalmologista, que quando viu um livro de Lacan em suas mãos, comentou que tinha visto um vídeo na Aliança Francesa e dizia que Lacan...

**N. Ferrari:** ... que ele era um soberbo. Estava assustada com os maus tratos com o público e com a arrogância... que desagradável esse homem.

**D. Rabinovich:** Isso é muito francês. (risos) É a melhor tradição do "*maître*" francês: a de tratar mal. É quase um código estabelecido. Isso também cria um problema, porque o que na França pode ser tomado quase como um exagero zombeteiro do código do *maître* francês, aqui é considerado ao pé da letra. Porque Lacan ria dessas coisas. Esquecemos que Lacan ria muito, tinha muito amor. Não me refiro ao [Lacan] que conheci, porque aquele que eu conheci já estava muito doente. Não sei muito bem o que posso dizer.

Talvez sim, Lacan era um senhor um pouco despótico. Mas muito "*maître*" francês, em certo ponto, muito parecido com essa cultura. A França teve muitos desses tipos. Isso não deve ser esquecido. Todo o *Collège de France* tem uma certa estrutura desse tipo, onde há quem seja mais arrogante e quem seja menos, mas o clima geral é um pouco assim. Lacan não deu o seminário no *Collège de France*, mas, sim, na Faculdade de Direito, porém, bom, acho que o clima é um pouco o mesmo. Digo para quem nunca foi ao *Collège de France* para ouvir uma palestra.

Além do mais, Lacan fala muitas vezes, não sei se vocês notaram, com tons de ator da *Comédie Française*. É impressionante, fala no mesmo tom de quando você ouve

quando vai ver Molière ou coisas assim. Então, quando ouço isso, começo a rir. Que alguns o levem a sério, ou o imitem... cada um faz o que pode. (risos)

**M. Sauval:** Nesse ponto, já que a senhora menciona como Lacan "falava", há algo que está acontecendo graças à Internet: cada vez mais pessoas ouvem Lacan. É como Gardel, a cada dia canta melhor. (risos)

É um fenômeno novo em comparação com outras épocas. E entre as questões que isso levanta está a diferença entre ouvir e ler. Justamente hoje de manhã estávamos trabalhando com Norma na segunda ou terceira sessão de "*Encore*", em que é apresentada uma prévia do que será a fórmula escrita em *l'Étourdit*: "*qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend*". Este "*s'entend*", em francês, tem tanto o sentido de entender quanto de escutar. Há quem sugira, então, que os seminários sejam ouvidos, talvez esquecendo que a dimensão da escuta em jogo na transmissão da psicanálise torna a situação irrepitível. Em outras palavras, não tem nada a ver com esses registros sonoros de Lacan, que agora podem ser ouvidos indefinidamente até serem memorizados, como se fossem uma canção dos Beatles.

Mas o fato é que Lacan evidentemente quis um ensino oral. Ele não se preocupou em estabelecer os textos. Ele deixou que outros fizessem isso. Ele deu um valor àquele ensino oral e, portanto, àquela transmissão da qual cada um extraía um retalho, cada qual um retalho diferente, daquele tempo irreproduzível.

**D. Rabinovich:** Sim, mas ao mesmo tempo aceitou a ideia de publicá-los. Acho que é necessário localizar os momentos. Uma coisa era quando Lacan tinha um pequeno seminário, nos anos 60, onde não havia muita gente. E outra coisa é o Lacan dos grandes anfiteatros, muito depois, que é o Lacan que decide que vai publicar seus

seminários. Por que eu digo que é diferente?

Acho que, por isso, o tom dos últimos seminários — já que estamos falando da escuta — é muito mais... como poderia dizer? ...apofântico, oracular, do que os primeiros. Acho que os primeiros estavam destinados a ser um ensino oral que se perderia. Vamos pensar na época: gravadores como esses estavam acabando de serem lançados; antes, as pessoas costumavam gravar com aqueles grandes aparelhos de bobinas abertas. A mudança na multiplicação da escuta, uma vez que os gravadores existem, é notável. Mas antes era um pequeno grupo de alunos que seguia o ensino de Lacan. E então Lacan resumiu seu ensino em seus *Escritos*, onde obviamente não se via o trabalho de construção, como se vê nos seminários. Mas acho que, à medida que ele foi se tornando público, sua maneira de dizer se tornava cada vez mais semelhante à sua maneira de escrever. Sua enunciação foi se aproximando da dos *Escritos*. Porque o único grande escrito da última época é *l'Etourdit*. Depois não há outro. "*La troisième*" é da mesma época, mas de "*La troisième*" ele nunca estabeleceu um texto, é uma conferência.

**M. Sauval:** E "Lituraterra".

**D. Rabinovich:** "Lituraterra" é uma aula do "*Semblant*", que foi gravada como uma aula e que ele mais tarde reescreveu.

**M. Sauval:** Por isso ele a escreveu.

**D. Rabinovich:** Saiu em uma revista e agora aparece...

**M. Sauval:** ... abrindo os "*Autres écrits*".

**D. Rabinovich:** Exatamente. Que na realidade, quando se olha o que está ali, se pensa que eles poderiam ter feito isso há vinte anos, porque todo mundo já tem [os *Outros Escritos*].

**M. Sauval:** ... não todo mundo...

**D. Rabinovich:** .... bem, digamos... quem quiser... pede e encontra. Pelo menos na Argentina. E no Brasil bastante.

A Argentina tem uma relação muito rápida com os textos. Não sei por quê. Digo a Argentina porque não sei como chamá-la. (risos) É um país em desconstrução, é um país derridiano. (risos) Um comentário à parte: estávamos com meu marido em Barcelona, pela editora Manantial, e conversamos com editores, livreiros, e nos surpreendeu escutar que o principal mercado de ensaios ainda é a Argentina. Com a nossa falta de dinheiro, com a falta de mão de obra, com todo o empobrecimento que temos, o lugar onde se consome mais ensaios e materiais teóricos é a Argentina. Na Espanha, quase não são vendidos. É por isso que aqui aconteceram as primeiras traduções dos seminários. Há algo muito particular neste país que não vi no México ou na Venezuela.

Mas penso que não existe antagonismo teórico entre o que se escreve e o que se fala em Lacan, mas sim uma certa sinergia, se se sabe fazê-la. Às vezes o cotejo é muito interessante porque mostra algo que Lacan não incluiu em algum escrito e que, no entanto, do nosso ponto de vista, hoje, é muito interessante. De tal forma que fica muito difícil julgar o que é primordial, como, por exemplo, estabelece Miller. Sua abordagem é muito interessante, mas é uma abordagem completamente fora da clínica. Nota-se isso porque ele faz uma única menção ao objeto  $a$ , uma única menção. Então, como pode fazer uma periodização de Lacan, sem o objeto  $a$ ?! De todo modo, é um livro que vale a pena ler. Inclusive eu o traduzi, porque me parece que ajuda a pensar. Isso me parece muito valioso em Miller, esse traço. Mas opor... opor tanto aos *Escritos* quanto aos *Seminários*?

**M. Sauval:** Talvez a divulgação dos registros sonoros mova as "certezas" geradas a partir das edições atuais dos seminários. Por exemplo, como indiquei antes, essa antecipação na segunda ou terceira sessão de "*Encore*", da fórmula de *l'Étourdit*, Miller a escreve tal como Lacan escreve em *l'Étourdit*, isto é, "*qu'on dise rest oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend*". Mas nessa sessão de "*Encore*", Lacan não formula dessa forma. Nessa sessão, ele diz: "*le dire reste oublié derrière le dit dans ce qu'on entend*". "*Le dire*" não é o mesmo que "*Qu'on dise*", e o mesmo com as outras diferenças entre as duas fórmulas. Ao colocar a versão de *l'Étourdit*, Miller apaga o traço da construção dessa fórmula. Em suma, são dois seminários distintos: o estabelecido por Miller e o que emerge do registro sonoro. Não é que aquele que Miller estabeleceu seja ruim, mas outras perspectivas se abrem quando coisas como essa podem ser trabalhadas.

**D. Rabinovich:** Concordo. Eu sou alguém que faz essas coisas. Eu sou de reunir todas as versões que encontro e compará-las entre si. Parece-me que isso é algo que nenhum leitor sério de Lacan pode deixar de fazer. E para além de todas as más intenções, acho que esses registros sonoros são uma grande contribuição. Eu até dei um presente para a associação espanhola quando estive lá, esses seminários orais gravados em CD-ROM.

**M. Sauval:** Essas coisas não circulavam antes?

**D. Rabinovich:** O único que as tinha, de forma sistemática, era Patrick Valas. Eu sei que ele estava juntando de diferentes lados. Eu sei que ele inclusive fez um trabalho de filtragem e aprimoramento de som. Faz muito tempo que eu andava em busca desses registros. A biblioteca da *École de la Cause* não tinha todos os seminários de Lacan. A biblioteca da *École de la Cause* foi se configurando porque diferentes pessoas

foram trazendo os seminários, mas não porque Miller os deu.

**G. Herreros:** Já que estamos tratando dessas coisas, conte-nos um pouco mais sobre sua relação com Lacan, como você o conheceu, etc.

**D. Rabinovich:** Eu o conheci através do Jacques-Alain, e estive nas últimas jornadas da Escola, em 79. Eu já tinha lido muito Lacan. Antes de 75, quando fui para Caracas, passei por todos os diferentes professores que ensinavam Lacan aqui: Macci, Masotta, Yankelevich, enfim, vários. Mas com todos eles parecia-me que não sabiam do que estavam falando. Então me isolei para estudar Lacan sozinha. (risos)

Eu tinha a sorte de saber francês, o que me abriu um contato direto com o texto em francês e isso foi fundamental para mim. Se eu não soubesse francês desde criança, não sei se teria sido tão fácil entrar. Porque eu também tinha muitas das referências de leituras de Lacan: para mim não era estranho ele citar certas coisas como "*Las preciosas*" ou *Port Royal*, etc. Eram referências que eu conhecia.

Foi um trabalho muito duro, quebrei minha cabeça com os *Escritos*. E só acessei os seminários quando cheguei em Caracas, por meio de alguns amigos que moravam na França, e quando comecei a viajar para a França. Antes, eu não tinha os seminários. Tinha versões muito ruins, acho que o da *Angústia* e de algum outro mais. Esse encontro com Lacan foi muito agradável. Aos insultos: (risos) quando se pergunta por que ele não esclareceu que estava falando sobre uma coisa que eu tenho que descobrir que é uma referência velada...

**N. Ferrari:** Por que não me diz que vai a Cracóvia? (risos)

**D. Rabinovich:** Mais ou menos!!! Lacan é um pouco assim.

O que posso dizer é que nunca tive uma relação de adoração aos textos de Lacan nem com a pessoa de Lacan. Eu o conheci em 1978, naquelas conferências da *Ecole*, que eram sobre a psicose, e ele me parecia um homem grande...

E a partir de 1979 — quando Miller veio fazer um seminário em Caracas — surgiu a ideia do encontro de Caracas. Começou, insisto sempre, com a ideia de uma reunião de todas as pessoas do meio, digamos, que estavam espalhadas por toda a América Latina, incluindo a Argentina. O grau de exilados em nossa profissão era e é muito alto.

**M. Sauval:** Existem psicanalistas argentinos em todo o mundo. Acho que deve haver pelo menos um na direção de qualquer instituição psicanalítica que exista no mundo.

**D. Rabinovich:** É por isso que eles têm tanta raiva de nós. (risos) Acho que os franceses têm raiva de nós. Sempre haverá "o amigo judeu", ou seja, a exceção, mas acho que eles têm uma certa raiva de nós, porque aqui Lacan foi mais lido do que na França.

Quando falei pela primeira vez com Jacques-Alain, ele ficou muito surpreso que eu trabalhasse com os *Escritos* — e o convidei para comentar sobre partes específicas dos *Escritos* — porque aparentemente, em Paris, todos liam os *Seminários*, e nós, aqui, perdidos onde estávamos, só tínhamos os *Escritos* para ler. Foi uma surpresa para mim descobrir quantas pessoas na França não conhecem os *Escritos* em detalhes. Conhecem, por aí, os *Seminários*, mas não muito os *Escritos*. Não realizaram reuniões dedicadas aos *Escritos*, como nós fizemos... Olhem as listas de cartéis das diferentes escolas, vocês verão que a maioria deles é sobre seminários, e não sobre os *Escritos*. Por exemplo, não vi um único cartel sobre *l'Etourdit*, que é um escrito, embora

posterior. Ou sobre *Television* — para falar sobre coisas publicadas.

Agora também temos a possibilidade de ouvir conferências como, por exemplo, "A terceira". Traduzir esse texto, que também não está estabelecido, foi uma bagunça. Tenho certeza de que houve erros lá, pois a versão francesa tinha erros. Estou praticamente certa. Então agora eu quero ouvir. Os senhores se deram conta da enorme diferença entre *Television* falada e *Television* impressa?

Toda a ordem foi alterada. E a maneira de dizer de Lacan, para algumas coisas, é muito mais suave do que aparece no texto impresso, muito mais suave.

**N. Ferrari:** Isso é o que notamos também em "Encore"...

**G. Herreros:** ... será que é por isso que cada vez que o lia não entendia nada... (risos)

**D. Rabinovich:** A lógica é mais clara.

**N. Ferrari:** Sim, sim.

**D. Rabinovich:** Porque Lacan tem certos fios lógicos que, se você mudar sua ordem, é muito difícil encontrá-los novamente no texto. *Television* tem esse problema. Mas aí está a gravação. Jacques-Alain deve pensar que somos todos idiotas e que nunca vamos comparar com a gravação, como se a gravação fosse algo fetichista, para ver a imagem de Lacan falando — eu tenho em fitas cassetes para ouvir, não para ver; às vezes até me incomoda ver, para poder escutar. E há muitas coisas que alguém poderia interpretar diferentemente da forma como foi editado em *Television*. Não é um trabalho muito executado. Acredito que isso seja feito ainda mais em alguns lugares aqui do que na França.

**G. Herreros:** Você poderia nos contar um pouco mais sobre como foi a organização e

o desenvolvimento do Encontro de Caracas?

**D. Rabinovich:** Os senhores sabem o que é o mito. E é verdade. O encontro em Caracas aconteceu em uma praia chamada Chichiriviche, comendo lagostas, Miller, Judith, meu marido e eu.

Tudo começou com a ideia de um reencontro de exilados. E aí foi Miller quem primeiro disse que talvez Lacan pudesse vir. Obviamente, aí tudo mudou. (risos) Quando voltamos para Caracas, ligamos para Lacan, e Lacan concordou em vir. Aí está como nasceu. Quase diria que foi uma sorte muito marcante. Não posso dizer outra coisa. Porque tudo aquilo que se lê em Roudinesco, tão planejado, foi na verdade devido a uma série de contingências. Não estou dizendo que Miller não teve suas intenções, sem dúvida. Mas houve uma contingência de que Lacan aceitou vir para a América Latina a partir de um convite que era meu. Porque até então ele havia rejeitado o convite de todos.

Agora eu sei que houve muita manipulação com tudo isso. Eu estava no comando da organização, mas para a América do Sul, então não pude fazer muito. Dessa forma, Miller decidia exatamente quem convidar e quem não.

**N. Ferrari:** Em todos os países ou só entre os franceses?

**D. Rabinovich:** Não, só os franceses. Aqui não conhecia ninguém. Foi mais uma cadeia de amizades que se foi passando. Fizemos uma grande chamada. Muitas pessoas não vieram porque pensaram que Lacan não viria. E é verdade, ele estava muito doente.

**M. Sauval:** A crise da AMP (Associação Mundial de Psicanálise), a partir da ruptura do setor comandado por Colette Soler, voltou a colocar em cima da mesa algo que

já havia sido levantado em diversos momentos, por exemplo, em 1991, quando um setor da SABA (Sociedade Analítica de Buenos Aires) e do Seminário Lacaniano não ingressaram na EOL (Escola de Orientação Lacaniana), ou mesmo antes, quando ocorreram os eventos em torno de *Stécriture*, para a publicação do seminário sobre a transferência. Alguns falam assim: “nós já vimos isso em Caracas”. Qual é a sua avaliação, sua visão atual, sobre o que aconteceu? Lembro-me de uma intervenção muito dura dele em uma palestra no Fórum Psicanalítico de Buenos Aires, em seu início, ou seja, no início de 99.

**D. Rabinovich:** Eu diria que o ponto do *après coup* é individual, tanto dos diferentes grupos quanto das diferentes pessoas. Não posso dizer que muitos franceses não tenham me avisado. Naquela época — ou seja, nos anos 80 — Jacques-Alain não se mostrava tão claramente como se mostrou depois da criação da AMP. Se não, eu teria saído muito antes. Comecei a perceber algo por volta de 85/86, quando o Miller começou, como dizem em francês, a “*déconner*”... é difícil de traduzir...

**M. Sauval:** ... patinar...

**D. Rabinovich:** Sim... patinar quanto a toda uma posição em que ele se colocava como o responsável da psicanálise no mundo, dito explicitamente...

**M. Sauval:** ... *l'au moins un*...

**D. Rabinovich:** Exatamente.

**M. Sauval:** Na verdade, dito por Lacan.

**D. Rabinovich:** Não tenho certeza.

**M. Sauval:** Dizem isso em...

**D. Rabinovich:** Não tenho certeza. Isso nos levaria a Caracas. A versão que se vende do seminário de Caracas, ouçam e verão que



Lacan não pronunciou a famosa frase "Eu sou freudiano, vocês, se quiserem, sejam lacanianos". Como o seminário chegou escrito em Caracas com essa frase antes que Lacan chegasse — Lacan fez várias modificações com relação à versão escrita — aquela versão escrita foi traduzida como está. E confesso que foi meu erro, não percebi. No comitê organizador éramos 5 ou 6, e estávamos loucos: era uma comissão organizadora terrível.

Me dei conta disso muito tempo depois. Um dia comecei a ouvir o seminário e disse a mim mesma: "falta alguma coisa aqui". Na verdade, várias coisas estavam faltando. Lacan não quis pronunciar essa frase, e outras que, não posso jurar que não foram escritas por ele, mas tenho grande suspeita de que não foram escritas por ele. Eu disse isso publicamente no Brasil e na Espanha.

**G. Herreros:** E como foi se dando conta de que as coisas não estavam muito boas?

**D. Rabinovich:** Por pressão direta.

**G. Pietra:** ... "me doía"...

**D. Rabinovich:** Exatamente. (risos) Eu penso antes em algumas ocasiões posteriores, de 79 ou 80. Naquela época, Lacan tinha momentos de lucidez e momentos em que não reconhecia as pessoas. Bem, era um homem com arteriosclerose. Houve momentos em que ele era bárbaro, que era Lacan, e momentos em que era um velho que não sabia quem estava à sua frente. Bom, é algo normal.

Por exemplo, tomemos o seminário de Caracas: é uma volta muito complicada e antifreudiana do *Seminário RSI* e algumas partes do *Sinthome*. Existem frases que são quase textuais e que se articulam de tal forma que nada têm a ver com o que Lacan realmente disse, enunciou naqueles seminários. Mas é praticamente igual, um resumo. Desde já, naquela época, na década de 80, eu não conhecia o *RSI*. Mais

tarde, tendo que falar sobre o seminário de Caracas, pensei "mas isso, onde eu li?", então faço uma comparação com uma parte do *RSI* e outra parte do *Sinthome*, e vejo que é uma mescla disso tudo com algumas frases, e um tom antifreudiano, que não fica claro nos seminários.

Mesmo com uma versão mal redigida do seminário, bastante catastrófica, como a do *RSI* — pelo menos a primeira que tive, agora tem outra um pouquinho melhor — não deu a impressão de uma briga com Freud; mas, sim, de uma comparação entre suas coisas e as de Freud, em particular como ele interpreta o que Freud apresentou em um espaço tridimensional, e que ele interpreta a partir de seu espaço topológico e lógico. Se isso é trair Freud...

É uma experiência muito impressionante que faz pensar que algo nessas últimas coisas que Lacan escreveu tem o caráter de uma colagem. Tive e tenho minhas dúvidas, minhas reservas. Por vários anos, consegui impedir Miller na Argentina. Quando cheguei de Caracas em 1983, ele queria que eu construísse uma escola aqui, que declarasse dissolvidos todos os grupos. Eu disse a ele que não estava louca. Que se eu não estava no país há 8 anos, como ia, após 8 anos de ausência, me apossar dessa decisão? Seria desconhecer o trabalho que as pessoas tinham feito aqui, em uma situação muito difícil. Parecia-me, absolutamente, um absurdo, uma falta de seriedade. Foi o primeiro encontro tenso [entre Miller e eu]. Acho que aí já começou a se marcar um certo distanciamento.

Não sou uma pessoa muito obediente para certas coisas, e não gostei nada da ênfase cada vez mais importante que Miller deu à centralização das coisas. No primeiro encontro realizado em Buenos Aires — e também em Caracas —, o papel dos latino-americanos foi muito importante. Tínhamos liberdade de organização, em 1984, sem muitos problemas. Os problemas começaram depois disso, após 84.

Acho que Miller ficou envaidecido com o sucesso de 84 e começou a levantar questões, às quais respondi “não”, na maioria dos casos. Ainda era um pouco difícil. Coisas como, por exemplo, discutir as publicações do *Manantial*. Eu não iria publicar artigos por questões políticas. Se eles eram ruins, eram ruins. E se alguém de quem eu não gostava politicamente tinha feito um bom artigo, era um bom artigo. Um pouco idealista da minha parte, mas bem...

Acho que aceitei 10% das coisas com as quais não concordava totalmente, mas que também não eram catastróficas. Porque havia algumas que eram catastróficas, e eu não me importava se o homem era não sei quem ou a mulher não sei quanto. A questão das publicações trouxe muitos atritos o tempo todo.

A outra coisa que trouxe muito atrito foi a pressa de Miller em criar um grupo internacional e forçar os grupos a uma escola. Isso ocorreu em 1990, mas começou muito antes. Isso começou em 86 ou 87. Eu diria que, como eu estava cada vez mais em desacordo com o que ele estava fazendo, isso culminou em desacordo quando a SABA não aderiu ao que seria a EOL. Eu diria que, para mim, as razões são sempre as mesmas. Vocês verão que elas se repetem. Colette diz o que eu disse em 90, e o que outros disseram em 83 — certas coisas que eu disse e outras não, porque também houve certos desenvolvimentos diferentes. Então, eu diria que o momento do *après coup* para cada um teve a ver com o momento em que se estava na sua relação com Miller e como se estava respectivamente na sua própria relação com a psicanálise em geral.

Justamente aqui eu fui muito cautelosa porque não via as pessoas há anos. Por 8 anos não pus os pés na Argentina. Foi muito difícil chegar e dizer que “não existem”. E dava para ver a centralização cada vez

crescente. E como seria o passe, estava escrito em 90; o que não estava claro em 1980.

**M. Sauval:** No entanto, gostaria de marcar algumas diferenças. Existe uma maneira de enquadrar a discussão que é dizer que Miller é “mau”. O que pode ser verdade, mas...

**D. Rabinovich:** ...mas isso esgota a discussão...

**M. Sauval:** Exatamente, não nos tira do impasse...

**D. Rabinovich:** ...claro, isso é evidente.

**M. Sauval:** Encontrei duas leituras que me interessaram. Uma é a hipótese proposta por Jean Allouch de uma relação com Lacan que se sustenta na queixa de que Miller é “mau”, isto é, uma queixa em que não se questiona o fato de que foi o próprio Lacan que endossou Miller...

**D. Rabinovich:** ... concordo...

**M. Sauval:** ... e que, portanto, a questão não é permanecer na ideia de que Miller é “mau”, mas analisar qual é a relação com Lacan que é levantada nessa queixa. Para além das particularidades da transmissão epiclérea<sup>2</sup>, o que me parece interessante é interpretar essa queixa contra Miller em termos de uma demanda de fazer parte da “família” de Lacan.

**D. Rabinovich:** Concordo.

---

<sup>2</sup> O qualificativo epiclérea remonta à Antiguidade grega e corresponde ao caso em que, diante da falta de homens herdeiros, uma filha permanece no lar paterno e se une a um homem (escolhido então como substituto do pai) até que um neto possa ocupar o cargo da herança de seu avô, em uma transição *per feminas*. A partir desse conceito, Jean Allouch vai nomear de transmissão epiclérea àquela realizada por Lacan ao nomear/confiar a seu genro a articulação da passagem de “seus bens de família”, ou seja, toda sua obra.

**M. Sauval:** E a outra leitura é aquela que você levantou naquela famosa "*Velada de la garantía*", com o contraste de duas lógicas, entre a escola única e a lógica do não-todo. Porque isso também continua se repetindo. Por exemplo, os fóruns do movimento liderado por C. Soler, semelhante à AMP, também vão para uma única escola, ou seja, para a centralização. Tudo empurra para o lado do Um. Naquela noite, a senhora propôs, com a lógica do não-todo, que talvez fosse preferível optar por várias escolas...

**D. Rabinovich:** ... Lacan propôs sua escola para Paris. Nem sequer foi a França.

**M. Sauval:** A questão é o que a senhora acha dessa situação de impasse? Situação de impasse que tem o seu lado positivo, no sentido da abertura que gera, mas também parece que nos deparamos com uma eterna irresolução do problema, o que implica também ceder espaço aos discursos mais inconsistentes, oportunistas ou ecléticos.

**D. Rabinovich:** Além de contar o que era bastante evidente para mim na relação com Miller, acho que a relação de Miller com os textos de Lacan também mudou. É uma coisa muito sutil.

Não se pode dizer que foi explícito. Acredito que ele veio ocupar, para muitos, o lugar de Lacan, que havia morrido. Nunca entendi a veneração pessoal por Lacan. E eu digo veneração e não respeito, que é outra palavra. Pode-se respeitar Lacan, mas venerá-lo?

Há uma certa hagiografia lacaniana, que se vê colocada tanto do lado bom quanto do lado ruim, pois há ambos. Creio que o que não existe é um questionamento daqueles pontos da obra de Lacan que permitem uma deriva semelhante. Inclusive que permitem sustentar certas ortodoxias. Porque estão no texto de Lacan. Parece-me que faltam leituras críticas de Lacan, críticas

no bom sentido, isto é, no sentido de fazer uma leitura muito detalhada de seus seminários, de suas referências e de suas posições em relação ao momento histórico. Por exemplo, sempre me pareceu que o passe era uma medida demagógica de 68, uma resposta a maio: os jovens ao poder! Não estou dizendo que seja tudo ou que se reduza a isso, mas há algo disso. Nunca fui a favor do passe, nunca. Sempre desconfiei que isso pudesse funcionar.

**M. Sauval:** Em que sentido?

**D. Rabinovich:** No sentido de que era um dispositivo, e é impossível não se "emputecer", para dizer grosseiramente. É impossível por estrutura.

**G. Herreros:** Que sinônimo vamos poder dar a esse termo??? (risos)

**D. Rabinovich:** Eu considero isso muito importante. Foram sendo criados diferentes Lacan, com diferentes ênfases, de forma atemporal. Ou seja, alguns enfatizaram mais a proposta do passe, outros enfatizaram mais o discurso de Roma, para dizer algo, e outros enfatizaram os nós [borromeanos]. E isso não é muito diferente do que aconteceu com Freud. Cada um pegou uma peça e carregou-a como a relíquia do santo, para construir uma nova igreja — as igrejas foram sendo construídas em torno das relíquias do santo. Esse é o problema dos seminários, e é por isso que não circulam: são as relíquias sagradas, especialmente as orais.

**G. Herreros:** A senhora disse que sempre desconfiou do passe. Isso nos leva à questão sobre a garantia e a certificação do analista. O que a senhora acha disso?

**D. Rabinovich:** Não sei. (risos)

**N. Ferrari:** Em relação a isso, a senhora falou que em 91 já havia algo que era abordado em relação ao passe. O que foi abordado?

**D. Rabinovich:** Que tudo iria depender de um seletivo grupo de pessoas — no qual eu estava incluída — que iria decidir a partir da análise de todo mundo em todo o mundo. E eu uso o "todo" de propósito. Então, estavam em questão os analistas e os analisados. O que estava sendo promovido era um escandaloso "*prise en main*".

O que determina a confusão com o grupo de Solal Rabinovitch, da Escola Sigmund Freud, é justamente: "meus pacientes não passam". Eu escutei isso. Então, estamos longe dos didatas da IPA? Para mim, isso foi definidor. Se eu não quis entrar na IPA, vou entrar em uma nova ortodoxia? Eu poderia ter entrado na IPA, com um pouco de esforço. Mas eu não estava interessada.

**M. Sauval:** Agora é um problema, porque o passe é uma coisa quase sagrada. Não há grupo lacaniano que não o reivindique. É a marca com a qual se pretende distinguir as instituições lacanianas.

**D. Rabinovich:** Será a opinião de muitos, mas não é a minha. Eu diria que nisso estou totalmente contra os critérios gerais. Não estou dizendo com isso que não se examine o problema do final da análise. O que estou dizendo é que não vejo como o procedimento do passe pode funcionar sem grandes interferências institucionais. Já ouvi pessoas de várias escolas falarem sobre seu passe, e em cada uma delas se reconhece a posição teórica da escola de onde vêm. E não é uma, estou falando de algumas. Porque escutar, escuto. Eu queria saber se eu estava tão louca ou se realmente havia algo. E, para mim, verifica-se o postulado que o próprio Lacan fez, a certa altura, sobre "Variantes do tratamento padrão". Porque o passe, e o que vi em sua introdução, é a produção de "tratamento padrão".

**M. Sauval:** Nesse sentido, surgem mais alguns clichês em relação à questão do passe, em particular a questão do desejo do analista, pensado como desejo de saber.

**D. Rabinovich:** Lacan diz explicitamente que não há desejo de saber.

**M. Sauval:** Mas os lacanianos dizem que o singular do desejo do analista, enquanto desejo "novo", é um desejo de saber.

**D. Rabinovich:** Lacan não disse isso em lugar nenhum. Acho que conheço bem os seminários, posso ter deixado escapar algo, mas... Inclusive, sobre o fim, Lacan chega a dizer claramente: "não há desejo de saber, só há horror de saber", no *Seminário 21*.

**M. Sauval:** Não sei se a senhora se lembra daquele número de *l'Ane*, onde "Acier l'ouvert" foi publicado, no período da crise de 91. Lá, Miller diz explicitamente que os AE (Analista da Escola) devem ser pensados como analistas "de jure", ao contrário dos AME (Analista Membro da Escola), que seriam analistas "de fato". Ou seja, os AE seriam analistas que poderiam se garantir enquanto tal mesmo antes de ter dirigido uma cura, na medida em que se verificaria, no passe, que seu desejo se adequa aos parâmetros X que definem o "desejo do analista". E aí Miller aponta claramente que deve haver um desejo de saber.

Talvez por isso seja uma ideia muito difundida. Por exemplo, lembro-me de um trabalho muito interessante de Quinet sobre o estilo, que circulou muito na Internet e que termina dizendo, preto no branco, que o desejo do analista é um desejo epistêmico, um desejo de saber.

**D. Rabinovich:** Eu sei que ele diz isso porque, em novembro do ano passado, quando eu disse "não há desejo de saber", ele ficou impactado. Acho que é um erro de boa fé. Em todo caso, eu diria que, a respeito do saber, o mais importante que Lacan disse é sua referência à ignorância douda. Acho que o desejo do analista não tem a ver com saber. Obviamente, há uma dimensão em que o conhecimento está em jogo. Mas não culmina em uma episteme.

Caso contrário, seria o mais anti-laciano possível.

**M. Sauval:** Voltando à sua rejeição ao passe, a esta dificuldade em encontrar um caminho que não o submeta às interferências institucionais, uma das coisas que se pode verificar é que muito do que se diz sobre o passe leva a identificar o desejo do analista com um modelo de desejo para os analistas.

**D. Rabinovich:** Lacan deu uma resposta clara a isso, no seminário sobre os quatro discursos: usar a posição do desejo do analista, vinculada ao desejo do Outro, para fins próprios, é ultrajante.

Então depende de como o desejo do analista é lido, pode-se cair em uma coisa ou outra. Para mim nunca foi uma confusão com um desejo subjetivo. Isso está claro para mim. É uma função que vem substituir a contratransferência, se falamos estritamente. É uma formalização da teoria da contratransferência manejada de uma maneira particular. Mas eis o problema de que falávamos hoje: não se faz uma genealogia dos conceitos em Lacan, nem dentro de sua obra, nem em sua relação com outras obras. Porque não esqueçamos que no seminário sobre a transferência ele dedica longas discussões aos artigos kleinianos. E ele fez o mesmo no seminário anterior. Quer dizer que está procurando diferenciar algo que permita sair da contratransferência posta em um nível tão idealizado e sendo uma resposta tão subjetiva. Lacan está tentando limitar a dimensão imaginária e situá-la em outro contexto.

A contratransferência é a reação do sujeito analista confundindo esse lugar do analista com sua subjetividade. Mas um analista não responde em função de seu próprio desejo, mas em função do desejo do paciente. Caso contrário, faz doutrinação. O desejo do analista é uma função que opera a partir de certas subjetividades que devem ter

depurado certas coisas — isto é, a contratransferência — para poder responder, por exemplo, no caso da hesitação da neutralidade, a partir de outro lugar que não seja a contratransferência.

Me dá a impressão de que esses problemas foram tirados do contexto genealógico em que surgiram. O desejo do analista, em Lacan, não é o mesmo da primeira vez que o menciona no *Seminário 8* sobre a transferência, como quando o retoma no 11 — onde não existia o passe — do que quando o retoma no *Seminário do Ato* — onde o passe acaba de aparecer — e depois há muitas variações disso. Acho que havia um lugar na obra de Lacan e na realidade do que Lacan estava enfrentando, clinicamente quero dizer, que fazia as coisas de forma diferente. Parece-me que é uma formulação eminentemente teórica de Lacan, e se pensarmos que Lacan nunca quis dar indicações técnicas, mas, sim, coisas muito gerais, que deviam ser moduladas sobre cada sujeito, acho que confundir as duas coisas é uma forma de apagar conceitos lacanianos. Para mim não há outra maneira de entender isso.

**G. Herreros:** A senhora disse que, escutando alguns relatos sobre passes, uma pessoa poderia se dar conta de qual escola pertenciam, por exemplo...

**D. Rabinovich:** ... se essa pessoa conhecer a posição teórica de cada escola...

**G. Herreros:** ... justamente, a senhora acha que há diferenças teóricas entre as escolas? Acha que essas diferenças teóricas marcam diferenças clínicas?

**D. Rabinovich:** Acho que sim. Eu não posso jurar totalmente. O que mais posso falar é sobre a Argentina. Eu diria que, em geral, certo grupo de analistas, que se formou com Masotta, tende a enfatizar em excesso o jogo do significante na direção da cura. Digamos que chega um momento em que

fica um pouco pesado, um pouco tipo Torok, digamos...

**M. Sauval:** ... Interminável...

**D. Rabinovich:** Interminável. Mas além disso, algo falha. Vê-se, a partir daí, uma análise centrada no significante, com muito pouca ideia da função do objeto na análise. Ou passam muito rapidamente — algo que lhes permite articular ao significante — pela identificação com o sintoma. Aí é fácil ver de que lado se dá o salto de todo o período intermediário de Lacan, digamos — aquele período que vai do *Seminário 11* ao *Seminário 17*, que me parece uma época riquíssima — há um desvio disso, e se chega aos seminários mais recentes. Isso faz com que as análises tendam a ser muito longas, negligenciando muito a dimensão imaginária...

**M. Sauval:** ... em que sentido negligenciam a dimensão imaginária?

**N. Ferrari:** ... primazia do simbólico?

**D. Rabinovich:** Primazia do simbólico e de um real difícil de compreender. Isso é algo muito interessante. Por exemplo, os franceses não consideram o problema da inveja. A palavra "*envie*", que traduz inveja, é também desejo, que se articula a uma certa dimensão imaginária do desejo. É um problema próprio dessa língua. Nós, por outro lado, temos uma palavra diferente. Eles têm "*jalousie*" e "*jalousie*" não significa "envie" de forma alguma. O ciúme é uma coisa e a inveja é outra. Lá, como vocês podem ver, existem até problemas de idioma, que certos idiomas permitem e outros não.

Em inglês existe "*envy*" e também "*jealousy*". Por outro lado, em inglês não existe uma palavra para "pudor". Bem, podemos brincar com certas especificidades linguísticas, mas o que vejo como um problema é que tudo o que é da ordem de certas relações duais mortíferas,

como pode ser a relação da inveja — nisso Klein não se equivocou; ela teorizou mal, é verdade, mas que existem relações duais mortíferas, existem; e onde a inveja é um componente importante, existem; pensemos que é um termo que vem de Freud em alemão — *neid* — a impressão que tenho ultimamente é que existe uma dimensão do imaginário kleiniano — vamos chamá-lo assim de winnicottiano — que não se sabe manejar. E digo isso simplesmente porque conheci as variantes. De fato, as análises kleinianas não foram exclusivamente mal sucedidas. Houve muitos sucessos. E quem não os conheceu não percebe o que Lacan está elaborando a partir de certas coisas de Klein, ou de Freud ou de Abraham.

Então acabamos caindo em tratamento padrão: por exemplo, na França, por um tempo centrou-se na fantasia, depois centrou-se no sintoma. Observa-se sobretudo a quantidade de *actings* que estão nas análises ou passagens ao ato. Isso teve um grande desenvolvimento na escola argentina: de fato há o Racker, o Liberman e também algumas coisas do Grinberg, que, ainda usando o termo contratransferência, perceberam um pouco a diferença. Por exemplo, Racker diferencia duas contratransferências: uma que funciona e outra que não. A que não funciona passa a se aproximar do que chamaríamos de desejo do analista. Quer dizer, eles não eram tão estúpidos.

E como nessa perspectiva todos estavam muito preocupados com o problema do *acting*, embora não falassem claramente sobre a passagem ao ato, acho que isso fez com que muita gente, aqui, o levasse em conta sem saber, seja porque tiveram experiências com kleinianos ou se formaram com um kleiniano. Então essas pessoas têm essa noção incorporada, mesmo que não a veja; o que lhe dá alguma liberdade para se mover com o objeto, sem imaginarizá-lo, como Miller faz.

Para mim, Miller se volta a uma imaginarização do objeto, pior que a de Klein. E aqui não estou falando sobre o Miller "mau", mas sobre o que, para mim, é um erro teórico. Porque é como se o objeto fosse dizível, como se o objeto fosse — apesar de tudo o que dizem — a meta. Porque eles estão administrando isso mais como uma meta do que como a causa. A causa então se torna uma palavra vazia, além de todas as concessões do tipo "a causa está por trás". Porque na verdade eles trabalham com o objeto como meta. O que resulta na produção de analisantes muito caracteropáticos.

Devemos lembrar que o caráter não faz sintoma. Uma coisa é identificar-se com o sintoma, outra é identificar-se com o caráter, que — o próprio Lacan disse — é o núcleo que o objeto  $a$  sustenta. Eles falam sobre "*characteriels*" [caracteriais]. Para nós, eles seriam os caracteropatas; um termo que conhecemos pela tradição, por ter lido Fenichel, por muitas coisas, e por ter lido Freud. E a única coisa que retêm em Lacan é a crítica de Lacan a Reich, quando Reich é um dos muitos, e não dos mais importantes, que trabalhou o tema do caráter. Portanto, não é o mesmo que identificação com o sintoma. É o objeto  $a$  como algo com o qual o sujeito fica identificado. Não desidentificado.

**M. Sauval:** Seria o pior obstáculo para a produção de analistas.

**D. Rabinovich:** Sim. É por isso que Lacan diz que o analista deve fazer semblante de  $a$ . Alguns acham que são um objeto.

Voltando então à primeira pergunta: uma clínica lacaniana, o que isso implica?

Em primeiro lugar, a conquista de uma certa liberdade em relação ao enquadramento clássico. Quando o enquadramento lacaniano se transforma em um enquadramento clássico, e as sessões de 2 minutos são um rigor, estamos

em uma ortodoxia igualzinha à dos 45 ou 50 minutos. O que Lacan levantou é a liberdade com o tempo e não o tempo curto. Ele falou de um tempo lógico e não cronológico. Dois minutos nada têm a ver com o tempo subjetivo: isto é confundir a brevidade do aparecimento do inconsciente — como Lacan o define no *Seminário 11* — com o tempo subjetivo. Às vezes, em 2 minutos, a gente não chega nem a cometer um lapso.

**M. Sauval:** Até a sociedade é capaz de perceber esse tipo de abuso. Suponho que se lembre daquela série de anúncios publicitários que a Telecom fez, que cobriam uma série de situações mais ou menos engraçadas e que contrastavam com o quão "barato" era "falar ao telefone". Um desses anúncios mostrava uma sala de espera de um consultório: a porta se abre, sai um paciente e o psicanalista fica parado na porta, o paciente que está na sala entra e o psicanalista aperta a mão dele e diz "não confunda necessidade com demanda" e o despede.

**D. Rabinovich:** Isso é importante. Assim como no kleinismo ortodoxo, final dos anos 50, começo dos 60, seios e pênis voavam... (risos)... agora os objetos voam, o falo, a necessidade, a demanda, sei lá o quê. São termos que não podem ser usados na clínica. Como você vai dizer isso para um paciente, na clínica? Quando o paciente é analista, outras nuances podem ser dadas, mas para um leigo, como lhe direi que é preciso separar necessidade e demanda?

Bem, então, primeiro ponto, a liberdade que Lacan deu em relação ao enquadramento. Há algo que todos os analistas faziam e nenhum confessava: a hesitação da neutralidade. Mas ninguém confessava. Todos os analistas, os mais kleinianos que eu conhecia, tinham lugares de pontuação ao redor da transferência onde trocavam e usavam isso para sair. Evidentemente, lhes era custoso falar sobre isso porque era pouco ortodoxo. Mas eles faziam.



Nesse mesmo ponto, em relação à liberdade e à hesitação, há outra coisa que noto: a hesitação foi entendida basicamente no sentido do amor, e se supõe que não poderia ir para o lado do ódio, ou seja, para o lado de transferência negativa. A hesitação analítica atinge os dois pontos. Conheço ilustres analistas lacanianos que se surpreendem com a possibilidade de hesitação para o lado negativo. Este é um ponto muito importante porque cria uma erotomania... maravilhosa, e acho que são bastante visíveis com frequência.

Outro ponto em que Lacan muda em relação a Freud, mas sempre na linha de Freud, é o conceito de transferência, com a noção de sujeito suposto saber, objeto, desejo do analista. Não é o mesmo conceito de transferência. E também com as nuances que introduz no conceito de repetição. Lacan tem uma maneira de manejar a repetição, que não é exatamente a de Freud e que eu acho que apresenta muitos problemas, porque é uma peneira muito grande que deixa filtrar muitas coisas. Falo a partir da operatividade clínica. Assinolo os pontos do problema. Está muito bem teorizado, muito inteligentemente teorizado, mas a articulação com a clínica não é clara. Este é um ponto que eu marcaria. Mas tanto o sujeito suposto saber, quanto o desejo do analista, ou diferentes conceitos do fim da análise, tudo isso é um conjunto de coisas fundamentais, que Lacan abre. Ele abre, e muitas vezes não resolve. É claro: não resolveu tudo.

O outro ponto é a interpretação. E eu acredito que aí o discurso de Lacan de Roma é tão válido quanto o de *l'Etourdit*. Sustentar que um é melhor do que o outro me parece incorreto. O que quero dizer com isto? Que de acordo com o momento de cada paciente, a cada momento, tem que se operar de forma diferente. Tempo com sessões mais curtas em alguns casos, mais longos em outros casos; operar com uma hesitação amorosa ou agressiva, conforme o

caso. Não existe uma norma. Se há uma coisa que está clara na teoria lacaniana — embora ela tenha se tornado desfigurada — é que não há uma norma. Eu chamo isso de liberdade que Lacan nos deu e que não sabemos usar.

Assim, os três pontos em que Lacan sintetiza a interpretação em *l'Etourdit*: equívocos, lógica e gramática, perpassam grande parte de seu ensino. Acho que *l'Etourdit* é um resumo magnífico de Lacan. Muito difícil, mas é um resumo. Faz uma nova síntese de coisas diferentes, uma nova organização da estrutura. Parece-me vital perceber que a interpretação tem essas três dimensões e que, portanto, Lacan não nos deixa uma técnica, mas um certo guia sobre a operação.

Em relação ao que me perguntaram, sobre a proposta de Miller de poder garantir o analista antes que ele mesmo exerça, parece-me que ele se abre precisamente a essa crítica. Em que sentido? No sentido de que Lacan nos ensina algo que Freud teve dificuldade em formular, que é que, na psicanálise, todas as necessidades são *après coup*, que não há necessidade de *avant coup* ou *a priori*. Dizer que o passe assegura o desejo do analista antes que o analista comece a operar, para mim, francamente, é dizer um *a priori* idealista sobre sua análise. É um idealismo — como sempre digo — como o da posição depressiva.

Partindo dessas coisas, pode-se pensar que uma clínica lacaniana deve ser caracterizada por um alto grau de particularidade. Ou seja, não existe, em um sentido profundo, uma medida comum. O enorme esforço que Lacan fez para que não se construísse uma ortodoxia — que já está construída de diferentes maneiras — e, finalmente, a riqueza de meios que podem ser usados para pensar a psicanálise no nível da interpretação e do manejo da transferência, em que Lacan nos deixou muitas coisas que, em geral, não são levadas em consideração. E eu diria que

nesse sentido é preciso re-causá-lo. Minha impressão é que não se notou que Lacan falava a partir de uma experiência de certas coisas: uma experiência das análises como a que ele teve, uma experiência de ver certas análises kleinianas. Quando Lacan falava dos pós-freudianos, falava a partir daí. Deve-se conhecer de onde ele fala para indicar para onde vai. E em geral as leituras de outros autores pelos lacanianos são pobres.

**G. Herreros:** E nesse sentido, a prática analítica, em sua experiência clínica, que tipo de finalidades analíticas são produzidas? Que tipo de analistas estamos produzindo? Que fins de análise são produzidos?

**D. Rabinovich:** Acho que não há uma unificação, exceto quando há uma ortodoxia muito definida, como uma das que mencionamos, onde se produz mais do mesmo. É por isso que também não há produção nos AEs. Porque os AEs, para produzir, deveriam ser diferentes do próprio analista ou da instituição a que pertencem. Lacan se queixava amargamente disso. Cada vez que ia a um congresso tinha que ouvir tudo o que já tinha falado. (risos)

**G. Herreros:** Isso se coloca a favor de sua ideia do passe.

**D. Rabinovich:** É por isso que Lacan começa o Seminário *Encore* dizendo "Eu sigo passando". Não é inocente que Lacan comece assim. Isso significa que cada seminário é uma demonstração de que ele não esqueceu como se tornou analista.

**M. Sauval:** Justamente, logo no início do *Seminário Encore*, Lacan também faz uma referência aos seus analisantes...

**D. Rabinovich:** ... se chegaram ao mesmo ponto... ou não.

**E. Albornoz:** No *Seminário 16*, quando diz "eu falo como analisante", na verdade ele está dizendo aos outros: "eu trabalho".

**D. Rabinovich:** Agora, tenhamos claro, os "*maîtres*" como Lacan costumam produzir certa preguiça ao seu redor, porque é alguém que pensa por todos.

**M. Sauval:** Voltando ao tema dos analisantes, há quem afirme que atualmente talvez haja muitos analistas e poucos analisantes.

**D. Rabinovich:** Eu não concordaria tanto com isso. Eu diferenciaria duas situações. Pode-se ter análise didática, ou seja, análise de analistas, de colegas; e pode-se ter o que chamo de pacientes da rua. Eu diria que esses são muitos. Às vezes não têm dinheiro. Mas não é que eles não existam. Eles existem e querem, embora às vezes não tenham como. Nesse sentido, não faltam analisantes. Eu diria que a influência da psicanálise na Argentina não diminuiu. Tem tomado caminhos diferentes, devido à crise econômica. Obviamente, ninguém pode ser um comerciante como foram os analistas dos anos 60 que tinham filas garantidas para entrar na IPA. Agora ninguém entra lá.

**M. Sauval:** A senhora disse antes no sentido da promoção característica dos nossos tempos da queixa e a tendência à desresponsabilização dos sujeitos.

**D. Rabinovich:** Eu diria que certos "*maîtres*", em certos grupos, tendem a induzir uma postura de queixa, porque lhes convém, porque lhes seria difícil enfrentar os rivais. Acho que vemos isso muito claramente, pelo menos eu vi isso muito claramente.

Para dizer de forma muito sintética, se o inconsciente é tomado apenas em sua dimensão de demanda de amor, nunca surgirá o inconsciente como trabalho, e então teremos sujeitos que não são capazes de usar seus recursos para fazer outra coisa

que não seja se queixar. Nesse sentido, a teoria da demanda de Lacan, não sendo totalmente compreendida, cria muitos problemas. Não atender a demanda, o que quer dizer? Depende de cada caso.

Por exemplo, com um paciente silencioso, que não fala, que demanda é essa? Que forma de demanda é o silêncio? Porque o silêncio também é uma demanda, embora mais de um lacaniano diga "não há demanda", porque ele não falou, porque supõe que o silêncio não está incluído no simbólico. O que se observa, nos jovens, são pacientes cada vez menos capazes de articular discursos coerentes. São discursos bastante fragmentados. E muito passivos. Eles não têm mais uma preocupação tão grande com o sexual, mas, sim, com as inibições, como podem se defender delas, etc.

Voltando ao problema da fragmentação no institucional, como é possível, em Lacan, encontrar um tipo de fragmentação que não é unificante em seu sentido catastrófico? E que também não leve ao autismo completo. Acho que a resposta está mais do lado do que Lacan sustentava no final, do lado do "*tourbillon*", das turbulências. E todas essas escolas tendem a estabilizar tudo. Também acredito que neste país isso cumpre uma função política: tranquiliza.

São muitos os analistas que se escondem nas escolas para não ficarem desprotegidos e para não assumirem a responsabilidade que lhes cabe noutros campos. As sociedades de analistas são quase sempre pequenos grupos de amigados. A fragmentação é feita assim: grupos de pessoas que são melhores entre si do que com os outros, e aí vêm as desculpas teóricas.

Mas sejamos claros: se Colette não tivesse sido acusada de plágio, ela teria ido embora? Eu creio que não. Cuidado, há muitas pessoas que amo muito, no nível

peçoal e amistoso, e que aprecio e respeito como psicanalistas, entre elas, sem dúvida, Colette. Mas, realmente, quando estão como instituição, são insuportáveis. (risos) Quando estão de fora, são bárbaros, formam pequenos grupos.

Então, como se faz para criar uma forma de reunião que permite a troca, mas não é unificadora nesse sentido totalitário? É um desafio. Para mim, não há uma resposta clara. Porque, aliás, no minuto em que se fala — e digo por experiência própria — quando se fala em institucionalização, seja ela qual for, começam as lutas: por cargos, por isso, por aquilo, etc.

**G. Herreros:** Seria impossível uma instituição analítica?

**D. Rabinovich:** Eu diria que todas as possíveis não são muito sedutoras. (risos) Há também uma coisa que me parece importante: que é como se esquece o trabalho intelectual, teórico, clínico nessas escolas. A comodidade intelectual se instala. Digo isso porque se instalou em SABA também, igualmente.

**M. Sauval:** Não lhe parece que esta instalação da comodidade intelectual se deva ao pressuposto de que a instituição analítica tem seus fundamentos em algo próprio da psicanálise? Como se a criação da instituição analítica — e sua posterior adesão a ela — já tivesse resolvido as questões mais difíceis da relação de cada pessoa com a psicanálise.

**D. Rabinovich:** Sim, acho que sim...

**M. Sauval:** E uma das consequências mais graves disso é que qualquer discussão entre analistas se torna um juízo sobre o estatuto analítico do outro: aquele que se opõe não é mais um analista.

**D. Rabinovich:** Aí vêm problemas sérios. Parece-me que a instituição, tal como Lacan a concebeu, é inseparável dos

códigos franceses, não é exportável. Por exemplo, quando Miller quis forçar — e de fato forçou — a união da EOL, ele repetiu uma história na Argentina, que é a pouca durabilidade das instituições. Justamente quando havia algumas instituições que tinham certa chance de existir e, mais ou menos, conversar entre si, ele fez uma "gremialização" forçada, um grêmio único, sem permitir as transferências, as particularidades das transferências em jogo.

Isso me parece muito errado, assim como repetir de forma estereotipada os cartéis, etc e tal. Lembro que todos riam muito que o regulamento da *International Psychoanalytic Association* diz, estritamente, que a psicanálise se pratica em sessões de 45 a 50 minutos. E aqui estamos em algo diferente?

Ora, o "psicanalista" é aquele que faz o passe, aquele dos cartéis, aquele que faz tal coisa na escola, aquele que é um "trabalhador entusiasta" e militante pela escola. Eles mudaram os parâmetros, mas o fundo não mudou. E eu diria que o grande excluído de todas essas associações é a clínica.

Naquele colóquio em que estive, no Brasil, nas conversas de corredor, falavam mais sobre o que se faz no consultório do que sobre o que se fala na sala grande. Então, algumas pessoas me pediram para fazer um grupo para discutir perversões. Por que um grupo? Porque é necessário um âmbito que não seja indiscreto, em que as pessoas não julguem de forma ortodoxa e idiota o que o outro fala, etc. Para isso, são necessárias várias condições. Então eles disseram que, bem, poderíamos fazer isso uma vez por ano. Mas isso por fora de toda instituição. E no minuto em que é uma instituição, tudo vai para o inferno. Porque imediatamente aparecem os que estão "dentro" e os que estão "fora", etc.

Então, essas tentativas de "exogamia" saudável... (risos)... são mal vistas pelas

instituições, porque significa que "não sei o que o outro está fazendo com aquele outro", "estão se comprometendo", etc. Por isso acredito que espaços como [a revista] *Acheronta* têm eco, porque não colocam o partidário — digamos assim — na psicanálise. E funciona: as pessoas leem outras coisas, descobrem, é um fórum de outro tipo. Mas em que o prestígio pessoal está em jogo, tudo se complica. A esse respeito, os jovens poderiam fazer mais: quase não posso falar de nenhum paciente, mesmo de pacientes que não sejam analistas. E isso me deixa de muito mau humor, porque não posso falar da minha clínica, porque vou cometer deslealdades.

**N. Ferrari:** Que tema esse.

**D. Rabinovich:** É um tema que deve ser levantado. Acho que isso tocava Lacan. E é por isso que ele diz em um seminário que da única vez que falou sobre um paciente, na reunião seguinte do seminário todos o haviam identificado. O próprio Lacan o diz, não me lembro bem em que *Seminário*, no 7 ou no 8. É o paciente a respeito de quem ele comenta que a mãe o teria preferido homossexual ou impotente. E isso é um grande problema. O que poderia ser feito no tempo de Freud não pode ser feito no tempo da transmissão em tempo real. E da mesma forma que Lacan poderia insinuar. Hoje em dia, numa discussão muito ampla, é muito difícil encontrar outros casos clínicos que não os de hospital — que não são verdadeiros casos de psicanálise — sobre os quais alguém possa falar. Em meu livro das pulsões, peguei um caso emprestado, não porque não tivesse casos em minha própria clínica, mas porque não posso expô-los.

**M. Sauval:** E ainda assim se soube qual era o caso emprestado.

**D. Rabinovich:** Bem, colocamos isso explicitamente, então não haveria dúvida. Mas porque sabíamos que essa pessoa não poderia se misturar com o meio analítico,

etc. Mas como posso colocar um histórico na Internet? Quando qualquer um passeia pela Internet. Essas são questões que levantam problemas de ordem ética. Do contrário, o que temos é pornografia psicanalítica.

**N. Ferrari:** Gostaria de retomar isso de que nos hospitais não haveria verdadeiros casos de psicanálise.

**D. Rabinovich:** Os pacientes que se podem acompanhar ao longo dos anos são muito excepcionais, como são, de fato, as análises que se aproximam de um fim. Se vamos investigar o final da análise, é quase impossível fazê-lo no contexto hospitalar. O que não quer dizer que não haja intervenções psicanalíticas. Mas estou falando sobre o que a análise nos permite fazer em seu sentido mais puro.

Também é verdade que nas instituições hospitalares argentinas não há chance. Em algumas instituições francesas, sim, por causa da forma como a previdência social é estabelecida, onde um ministro e um sem-teto podem se encontrar em uma mesma sala de espera. Isso na França e em alguns lugares privilegiados. Mas onde vamos encontrar isso na Argentina? Onde vamos encontrar quem não esteja com pressa porque está sendo solicitado aqui ou ali? É difícil.

Quando me refiro a isso, o que estou dizendo é que os grandes casos, os que progrediram, são casos particulares, em que se pôde dar o luxo — porque é um luxo — de trabalhar longos anos. Longos anos e nem estou falando de análises terminadas, mas de 4 ou 5 anos, para que um sujeito comece a ter o que dizer. Isso é muito problemático e acho que geralmente não é discutido.

**G. Herreros:** É discutido quantas análises terminam em relação a quantas começam?

**D. Rabinovich:** Não em termos quantitativos. É difícil considerar as coisas em termos quantitativos em psicanálise. Eu diria que depende dos casos e do que o sujeito espera da análise. Nisso estaria o problema de não levar um assunto para onde ele não quer ir. Porque nesse caso se estaria, então, exercendo uma espécie de violência psicanalítica sobre o sujeito e isso é bastante frequente.

Pode acontecer que alguém consiga, em análise, em 3 ou 4 anos, certo alívio de seus sintomas, e não queira mais. Não é o melhor, mas também não é o pior. Muitos acabam assim, principalmente os casos de pessoas que nada têm a ver com a psicanálise. Mas eu diria que tenho tantas “reanálises”... embora não deva ser injusto com os analistas anteriores. Muitas vezes é porque coisas novas apareceram na vida. Freud diz isso em *Análise terminável e interminável*: as circunstâncias da vida sempre podem nos surpreender.

**M. Sauval:** Sim, mas, pelo menos é a hipótese de Lacan, depois de uma análise lacaniana que terminou, como se iludir de novo para recomeçar? Se realmente houve uma queda do sujeito suposto saber.

**D. Rabinovich:** Sim, mas a queda do sujeito suposto saber não é a queda do SSS em todos os âmbitos. Tomemos um exemplo banal, um primeiro grupo de discípulos de Lacan, que eram imitadores absolutos de Lacan: falavam o mesmo, tinham até as mesmas inflexões, vestiam-se do mesmo jeito, etc. Era de se pensar que o fim de análise como identificação com o analista havia funcionado o suficiente.

Parece-me que esse é o momento super otimista de Lacan, e depois foi se acalmando, como aconteceu com Freud. Enfim, é muito difícil pensar... como posso dizer? Vamos começar com o caso inverso. Todos nós conhecemos muitas pessoas, cada uma em âmbitos diferentes, que fizeram boas análises, que se saíram bem e

que em algum momento entraram em conflito com certas coisas. E, embora não o digam em termos lacanianos, porque alguns não são lacanianos — outros são — dizem "não há ninguém que eu possa colocar no lugar do SSS".

Mas mesmo assim sentem a necessidade de se analisar, e honestamente, por coisas que acontecem com suas vidas, com seu sintoma, etc. Fazer uma "*tranche*". Não estou dizendo uma análise longa, mas, sim, realocar algumas coisas. E que resposta existe para aqueles que dizem isso e não podem criar uma nova transferência? É difícil. É por isso que a queda absoluta do SSS parece um pouco mítica para mim.

**M. Sauval:** Será necessariamente um fracasso.

**D. Rabinovich:** Por isso. E quando é alcançada, cria um ceticismo importante. Não me refiro a um ceticismo banal da decepção, mas, sim, saber desde o início os limites do Outro. Saber que eles não serão capazes de idealizar como quando entraram na análise pela primeira vez.

**N. Ferrari:** Isso impediria uma reanálise ou uma retomada?

**D. Rabinovich:** Não. Mas quando finalmente conseguem fazer um pouco de transferência com alguém — estou falando da minha experiência clínica — são análises que geralmente acontecem sentados não no divã, e onde, eu diria, se for sábio, a pessoa que vem fala muito mais que qualquer outra. É alguém que precisa de uma escuta. Um analista poderá proporcionar alguma coisa, mas não vai proporcionar muita coisa para quem vem com 20 anos de análise. (risos) Já se sabe, desde o início, que não está colocado nesse lugar de cima. Não existe transferência ingênua, para chamá-lo de certo modo.

Mas há também o outro polo: as pessoas que vêm depois de 15 ou 20 anos de análise

e alguém pergunta a elas a primeira coisa que tem que perguntar, ou seja, "O que você sabe sobre si mesmo depois de tanto tempo de análise?" — porque supõe-se que com essa pessoa tem que partir de outro ponto, senão todo o trabalho anterior é desvalorizado, isso levaria a uma repetição muito chata de coisas que já foram vistas na outra análise, e até porque é preciso encontrar um caminho de operar de outro jeito — e quanto a essa pergunta, eles não sabem o que dizer.

Portanto, temos os dois extremos. E pela quantidade de pessoas que vêm dizendo isso, percebe-se que o mesmo que aconteceu com o kleinismo agora acontece com o lacanismo.

**N. Ferrari:** Em que ponto?

**D. Rabinovich:** Neste ponto muito específico: o grau de minuciosidade das análises faz perder o principal. Vê-se que nessas análises, às vezes, coisas enormes, freudianas do primeiro período, nunca foram analisadas. Essa pessoa pode contar sobre o seu saber e isso e aquilo, mas de repente uma coisa de elefante, por exemplo, que sempre odiou o irmão, que nunca poderia perdoá-lo por tal coisa, nunca foram vistas, porque "o ciúme não importa", porque a fantasia estava em um ponto de construção que o reforçou ao invés de aliviá-lo, etc.

**M. Sauval:** Não se poderia pensar também que tanta difusão da psicanálise faz esquecer as condições em que o falar tem sentido? Ou seja, as pessoas que começam a falar do papai, da mamãe, passam a associar, a falar, a apresentar todo um saber sobre a sua vida, mas sem dar forma ao valor da palavra, de uma forma oca, é todo um saber que não tem efeitos.

**G. Herreros:** Também é verdade que nós analistas não perguntamos sobre coisas importantes e grosseiras.

**D. Rabinovich:** Bem, é a mesma coisa que se fazia no kleinianismo extremo, é a mesma coisa. Não se fazia mais anamnese por exemplo. Então, isso traz enormes lacunas na análise. É aqui que entramos em um terreno delicado. Para mim, este não é um problema de escolas, não é um problema de lacanianos e não lacanianos, ambos estão por toda a parte. A questão é qual é a concepção correta de um analista, para além da resposta que Lacan deu, de que não existe "o" psicanalista, existem psicanalistas, no plural, como as mulheres.

*(acontece um intervalo para buscar cigarros, ir ao banheiro, etc.)*

**M. Sauval:** Uma última perguntinha que gostaríamos de fazer sobre o tema da formação. Costuma-se dizer que em cada análise a psicanálise deve ser reinventada. A invenção não é qualquer coisa. Este termo costuma ser banalizado, perdendo-se as diferenças em relação à criação, etc. Como a senhora entende o que a formação teria que pensar para alcançar essa "reinvenção"? E, nesse sentido, o lugar da universidade.

**D. Rabinovich:** É um problema complicado porque não é o mesmo em cada lugar. Os países são diferentes, as culturas são diferentes. Acredito que a psicanálise não pode ser alcançada sem uma certa formação. Que seja a de residência, seja ela qual for, mas que implique uma certa imersão na clínica não psicanalítica. Caso contrário, nunca se entenderá qual é a diferença com a psicanálise.

Porque existem outras práticas que são eficazes e não podem ser descartadas. Portanto, conhecer apenas a prática psicanalítica, e a de uma orientação, é um absurdo. Eu diria isso. Portanto, acho que o caminho é longo e a maioria quer fazê-lo curto. Parece-me cada vez mais importante que as pessoas conheçam a história da psicanálise. E não me refiro à história cronológica, mas, sim, à história conceitual.

Não se pode partir de Lacan. Deve-se ter uma determinada base. Freud, é claro. E uma série de ferramentas, que cada um aprende da melhor maneira que pode.

Nesse contexto, eu diria que o papel desempenhado pela universidade, na Argentina, pelo grau de difusão que a psicanálise tem, foi enorme. Nunca teria se tornado o que era sem uma inserção universitária. Existem muito poucas cadeiras de psicanálise nas universidades da França.

**M. Sauval:** Ou da Espanha ou do México.

**D. Rabinovich:** Da Espanha e do México nem falamos, nem dos Estados Unidos. Portanto, temos o privilégio de ter uma Universidade que dá psicanálise — o que não deixa de implicar outros problemas.

Esclarecido isso, ou seja, que é bom que esteja no currículo — pelo menos alguém estuda Freud com o Cosentino, isto é, tem panorama, não estou dizendo que é perfeito, mas tem um mapa para localizar-se sobre o que é a teoria freudiana; terá um pouquinho de teoria lacaniana, não muito, porque em três meses de Escola Francesa pode-se seriamente ensinar muito pouco, se tivéssemos um ano seria outra história; e mais tarde em psicopatologia e outras disciplinas. Mas dá-lhes a vantagem — e há muita gente da medicina que cursa psicopatologia ou outras disciplinas, onde se ensina Lacan — dá-lhes a vantagem de terem uma formação de base, que ainda não é a de especialista — o problema é justamente supor que vão sair especialistas de Freud ou Lacan; não, eles não são especialistas, eles viram um abecedário — mas saem menos perdidos do que pessoas de outros lugares. A maior ênfase está na formação de pós-graduação.

Então, eu acho bom que a psicanálise esteja na universidade. Também se infiltrou em quase todas as outras práticas. Quanto à formação do analista, todos concordamos



em alguns pontos clássicos: a análise, supervisão e estudo. Portanto, muitas pessoas podem dar isso. Tenho a impressão de que o que se espera, cada vez mais, de quem vem aprender psicanálise é algo já feito, de forma ligeira, um pouco como os homenzinhos de Schreber. Evidentemente, se alguém acredita que pode ser chamado de analista, um ano depois de deixar a faculdade, salvo alguma honrosa exceção, que sempre existe, é impossível. É aqui que eu acho que as escolas, nenhuma das duas fórmulas, tiveram sucesso. Nem a fórmula da IPA, do currículo fixo, nem a fórmula lacaniana mais frouxa dos vários seminários, nenhum deles funcionou.

**G. Pietra:** E então?

**D. Rabinovich:** Então... não sei. Mas pelo menos vamos colocar bem o problema. Sabemos que as coisas não funcionaram — ou tiveram um sucesso muito parcial, porque com algumas pessoas funcionou. Agora, como pensar em um currículo? Não sei. Por exemplo, uma das coisas que mais impressiona é o debate sobre o controle na análise. Eu acho muito importante, mas não substituí os outros controles, as outras supervisões. Porque a supervisão na análise aponta para problemas relacionados com a subjetividade do analista, o que não exclui um certo saber-fazer que ele também deve aprender com outros colegas com mais experiência. Além disso, não convém que o controle seja exclusivo, porque senão o grau de fixação, de aderência, na figura do analista torna as coisas impossíveis. Eu acredito que, de fato, as pessoas na Argentina fazem isso. É analisado com um, controla com outro, mesmo para além da escola em que está. Muitas vezes eles não falam, mas é uma prática muito difundida.

**M. Sauval:** Mas isso não é tão antigo, não tem tanto tempo, me parece.

**D. Rabinovich:** Acho que é mais antigo do que imagina. Quando voltei a Buenos Aires, comecei a receber, muito rapidamente,

gente da IPA, e gente das escolas lacanianas. E contanto que eu não me metesse com a transferência de trabalho, a menos que isso atrapalhasse a análise, a análise funcionava.

Justamente foi uma das minhas grandes discussões com Miller: se alguém quer ir para outro lugar, por que vou proibi-lo? Se alguém não quer entrar no movimento em que está seu analista, o mínimo que o analista tem a fazer é se soltar e não transformar a sessão em algum tipo de doutrinação barata. Essas coisas já existem há muito tempo. O que acontece é que não eram faladas. Então muito disso permaneceu no domínio do privado. O que é razoável: por que tornar isso público? Muitas pessoas vêm me ver preocupadas com sua privacidade, para poder falar sem compromissos de vários tipos em relação aos grupos ou escolas em que se encontram. Significa que há algo naquele sistema que não funciona: nem o afastamento total de uma época, nem a extrema proximidade de outra. O que não significa que o meio-termo esteja correto. (risos) Deve-se tentar outro rumo, e isso dá muito trabalho. Além disso, não se começa a "inventar". Eu creio que não. Acho que vai saindo, se tivermos sorte. É uma aposta no vazio.

Sem dúvida, existem pessoas que ensinam teoria psicanalítica mais ou menos bem. Mas o problema sério não está aí, mas ao nível da formação, ao nível da análise, em que é muito difícil julgar. Porque quem foi um mau analista para ele era um excelente analista para o outro. Essa é uma realidade a que estamos habituados, que é cotidiana, e que temos de respeitar. Existem pessoas que não se encaixam. Não sei se vale a pena refinar muito, mas tem gente com quem não tem efeitos e com outra pessoa sim. O motivo exato, não sei.

**M. Sauval:** Existe algo da contingência, da *tyché*.

**D. Rabinovich:** Sim, há algo da contingência, do encontro, que deve ser respeitado profundamente. E depois de um tempo de ser analista, a pessoa se anima quando não ocorre essa *tyché*, quando não se entra para brincar, não digo como um sujeito que se supõe saber, é como outra coisa. Pode haver respeito, mas não há nada parecido com a dimensão mais agalmática da transferência em ação. E se não tem, não dá pra inventar, nem telefonando pra pessoa, nem... (risos)

Eu acho isso muito problemático. Portanto, quem acabou por ser um bom analista para alguém pode acabar sendo um péssimo analista para outro, esta é uma realidade desta profissão que a torna tão especial.

**M. Sauval:** Por isso a senhora ressaltou a questão das instituições que insistem em ser "psicanalíticas", porque esses problemas surgem quando o analista é generalizado: se ele é bom com um, teria necessariamente que ser bom com todos, esquecendo que não há "o" analista, que terá havido um analista para cada analisando. Terá servido a cada analisando...

**D. Rabinovich:** ... terá servido a cada analisando como instrumento adequado para analisar-se.

**M. Sauval:** E assim pode haver um bom analista na escola contrária.

**D. Rabinovich:** Exato, não tenho dúvidas. Por que não aceitar instituições perecíveis e variáveis, de acordo com os momentos de cada uma? Porque há pessoas com quem alguém teve interesse em trabalhar em um momento e não em outro. E isso não é ruim. Nenhum problema aí, os interesses se abrem, a gente se pega pensando em outras coisas e procurando outras pessoas.

O que me incomoda nas escolas é restringir essa liberdade. Porque além disso, convenhamos, a produção de escolas é uma produção-padrão. Eu diria que é preciso

aceitar grupos diversos, talvez pequenos, talvez outros maiores, que tenham a possibilidade de se reunir entre si. Mas, para isso, é preciso aceitar que os outros também são psicanalistas. Mais tarde, posso gostar deles ou não, como pessoas, mas isso é outra história. Se alguém não pode fazer transferência com uma certa pessoa, bem, ok, qual é o problema? Mas quando propus isso a Miller, "por que você quer forçar as pessoas a se unirem?"...

**M. Sauval:** Porque para os negócios tem que ser muitos. (risos)

**D. Rabinovich:** Sim, eu sei, mas às vezes essa forma de psicanálise acaba sendo um péssimo negócio para todos os psicanalistas.

**M. Sauval:** Claro, todos nós afundamos.

**D. Rabinovich:** Todos nós afundamos.

Na Argentina, em torno de uma figura carismática, como a de Miller — que é sem dúvida carismático, não se pode discutir — estão os amantes — o amor que chega até à religião, ou diferentes variantes — estão os oportunistas — porque existem as duas variantes: há pessoas que acreditam honestamente em Miller e há pessoas que são ambiciosas e que só estão interessadas em subir na carreira. Portanto, não se pode dizer "toda a EOL é ruim". Eu não concordaria, e há pessoas que aprecio. Lamento que estejam aí e não entendo como podem ser tão idiotas, mas... (risos)

**M. Sauval:** ... eles dizem o mesmo!! (risos)

**D. Rabinovich:** Obviamente, definimos a idiotice de maneira diferente... (risos)

Sempre considerei os crentes idiotas. Nunca tive um relacionamento pessoal de crente com Miller; sim de respeito. Mas respeito não é devoção, não é que o outro não possa estar errado. Bem, acho um pouco difícil. É uma das coisas que cheguei a discutir com

Colette: “por que apressar a formação de uma escola dos fóruns? Por que não deixar um pouco de liberdade, deixar o tempo passar?”. Mas a escola está quase armada. No colóquio no Brasil, numa manhã, fui a uma das reuniões onde se discutia a escola, durante cinco minutos, e fugi, porque era uma enrolação absoluta. Que me importa se o regulamento... ou que o outro...

Eles não pensam que as comunidades de trabalho são primeiro criadas e depois fundadas. Quando Lacan fundou sua escola, ele tinha uma comunidade de trabalho de fato.

**N. Ferrari:** A senhora falava antes da clínica lacaniana. Há um tema que interessa a todos nós: o das psicoses.

**D. Rabinovich:** Não sou tão otimista quanto muitos em relação às psicoses. Parece-me que, de fato, pelo menos na França, ninguém trata um psicótico se ele não estiver medicado. Novamente, não é dito, mas é o que observo.

Acredito que a psicanálise é um instrumento entre outros para se conseguir a estabilização, mas não é o único. Tenho a impressão de que às vezes as coisas foram extrapoladas, de maneira diferente do kleinismo, elementos das psicoses às neuroses ou às perversões. E acho que não se leva em conta que o último Lacan, o Lacan dos nós, não apenas repensa a teoria das psicoses, mas também repensa todas as estruturas clínicas. Ou seja, a forma do nó borromeano implica uma nova forma de pensar as estruturas clínicas. Normalmente não se faz isso, se pensa unicamente em Joyce.

Acredito que haja pouco trabalho sobre o que significaria substituir o modelo da metáfora paterna pelo nó borromeano. O que significa isso? Tem efeitos na clínica ou não? Implica uma maneira diferente de pensar sobre o assunto, ou não? Ou é outro modelo mais? Sobre isso, em geral, não se

responde. Estou falando sobre como isso tem impacto na clínica. E, por outro lado, há um certo gosto por trabalhar com a psicose, que algumas pessoas têm e outras não.

**N. Ferrari:** Totalmente de acordo.

**D. Rabinovich:** Eu não tenho esse gosto. Eles [os psicóticos] me aborrecem infinitamente. Posso tratar perversos, psicopatas, tudo isso, mas os psicóticos me entediam. É por isso que não recebo psicóticos, exceto algum que se “psicotize” em análise comigo, e aí não tenho escolha, mas felizmente isso acontece muito pouco. (risos)

Mas, bem, é uma decisão pessoal. Voltamos ao mesmo ponto: nem todo mundo é analista de tudo. A famosa frase de Lacan “não recuem diante da psicose”...

**M. Sauval:** Que faça isso aquele que quiser. (risos)

**G. Herreros:** Que não retroceda aquele que goste disso. (risos)

Isso não quer dizer que não existam análises para psicóticos. Mas sejamos realistas: ninguém os analisa sem medicação. Portanto, é difícil saber a parte de cada um. Estou convencida de que alguns sintomas são compensados com medicamentos, outros não. Assim como existem depressões severas que são compensadas com medicamentos e outras não. Portanto, estamos enfrentando fenômenos muito específicos. Não posso dizer outra coisa.

Acho que nesse ponto existe uma questão muito estranha de contato, mas ao contrário, entre Klein e Lacan. Porque Klein vem de uma prática com crianças, e muitas vezes com crianças neuróticas, severas, mas neuróticas, para toda a questão do núcleo psicótico. Lacan parte da psicose, faz um movimento reverso, em direção à neurose. Mas, em última análise, há um ponto em

que todo neurótico é alguém que se safou de ser psicótico. E não sei se é assim tão simples. Eu não tenho certeza. Acho que para alguns psicóticos é o caso, mas para outros não tenho tanta certeza. Porque ninguém pode ignorar o efeito da medicação em certos pacientes, que param de delirar, etc. E se isso acontecer, tenho que pensar que estão operando causalidades múltiplas, pelo menos. E isso traz problemas para a psicanálise, quando a psicanálise se ergue como o único sistema de causalidade. É como pensar que o discurso analítico pode existir sem os outros. Para que haja discurso analítico, os outros são necessários. E o erro dos analistas, nas escolas, é acreditar que o discurso analítico manda. O discurso analítico, o único lugar onde manda, é no consultório.

**G. Herreros:** E em determinados momentos. Porque às vezes, mesmo na análise, ela é pensada como o único discurso. Parece-me que o tema da rotação discursiva é esquecido aí.

**D. Rabinovich:** Sim, isso é tomado como um discurso sustentável, como se sustenta o discurso, ao invés de pensar que é o discurso que o sustenta, como diz Lacan. Uma diferença sutil que com frequência não é ouvida. Não é alguém que sustenta o discurso, é o discurso que o sustenta.

**M. Sauval:** Isso é o retorno do sujeito do conhecimento.

**D. Rabinovich:** Exatamente. Se ele não acredita que está manejando, já pode ser multado. Porque essa é outra questão: um analista, quando termina sua análise, não tem mais inconsciente? Freud já levantava: a pessoa perfeita teria eliminado o inconsciente? Não parece viável.

**M. Sauval:** Já que estamos retomando esses pontos, que mudança na pulsão depois do fim da análise??

**D. Rabinovich:** Muito difícil.

**M. Sauval:** Porque é um dos pilares importantes da questão. Para ser extremista, se não se modifica algo da pulsão, para que fazer análise?

**D. Rabinovich:** Aí entramos em um tema especial. Primeiro, as oscilações, não de Freud, mas de Lacan, entre o desejo e a pulsão. Às vezes eles se encontram, às vezes eles estão em divergência e em oposição. Depende dos momentos. Em segundo lugar, acredito que uma reorganização pulsional, como tal, é um efeito a ser lido na economia de quem termina uma análise. Refiro-me à economia em termos psicanalíticos. A pulsão tem que prevalecer sobre o desejo? O que vocês diriam?

**M. Sauval:** É por isso que eu falei sobre os dois pilares. Do lado do desejo, posso pensar na passagem do necessário ao contingente, mas a dissolução dessa consistência que contribuiu para dar a essa contingência inicial o seu carácter de necessidade, não deixa de implicar alguma operação ao nível do gozo, ou seja, da pulsão. As mudanças pela via do desejo implicam mudanças na pulsão?

**D. Rabinovich:** Eu acho que sim. Lacan insiste tanto que a pulsão é muda, ponto em que Freud insistia, que penso que a pulsão não fala senão pelo desejo. E certas reestruturações do desejo são as que permitem um reordenamento da estrutura pulsional.

Por que eu digo isso? Caso contrário, é muito fácil cair em medidas educacionais. A pulsão, não o desejo, a pulsão automaticamente traz a disciplina. Eu resisto. Eu diria que assim como a cura é por acréscimo, a modificação da pulsão em uma análise, também é por acréscimo. Mas se o eixo do desejo se perde, ele não avança nem retrocede. E eu acho que uma leitura muito ruim de Lacan é aquela que parte absolutamente do gozo e o parcializa. Não

estou dizendo que o gozo não conta. Conta. Mas o gozo não conta sem sua relação com o desejo.

**M. Sauval:** Parece-me muito certo, e penso, por exemplo, nas coisas que se fazem com as anorexias ou aquele tipo de paciente onde, como supostamente não há demanda, não há desejo, não há Édipo, etc., com a história do gozo, termina em posições kleinianas e esmagado nas rivalidades dos eixos imaginários — que é onde se situa a rivalidade mãe-filha nesses casos. Com o que o tratamento por meio do gozo acaba sendo mais uma forma de ação direta para, por exemplo, obrigar as pacientes a comer.

**D. Rabinovich:** Mas tudo isso varia de acordo com as épocas de Lacan. Ao mesmo tempo, o mais-gozar, esse *lustgewinn* de Freud, isso não é um laço que remete à erotização do processo primário ligado ao desejo? e não é aí onde se infiltra a pulsão? Portanto, onde se vai pescar a pulsão se ela não está lá? Atenção, isso tem sido usado para justificar analistas mudos, que não falam por 5 ou 6 anos, que representam algo como o silêncio da pulsão. Enfim, todos os tipos de delírios.

Penso que — e Lacan o diz até o fim — o desejo é o vetor que segue orientando a análise.

Agora, deve haver modificações de um certo equilíbrio pulsional na análise. Mas tais modificações são vistas em *après coup*, ou também, às vezes são produzidas em análise e não se sabe como foram produzidas, porque aparentemente não tocamos diretamente na pulsão, mas antes aparece como uma espécie de ganho que aparentemente não trabalhou. É muito difícil trabalhar sobre a pulsão. De que vai falar?

Com isso quero dizer que o conceito de gozo é muito problemático. Está ficando cada vez mais problemático para mim. Podemos dizer muitas coisas sobre o gozo,

mas há algo estrutural nesse conceito que é problemático. Uma vez que Lacan começa a usar o gozo, quase não usa mais pulsão. O que é esse gozo, então definido como mais-gozar, como um ganho em vez de uma perda?

É como um retorno, em certo ponto, ao primeiro Freud. Especialmente porque é a tradução estrita de *lustgewinn*, ligada ao benefício primário do princípio do prazer. Lá, o desejo e a pulsão podem ser separados? Como?

Meu medo, aliás, é que, em geral, as teorias das pulsões — existem teorias das pulsões, na psicanálise — tendem a se reificar muito. É o que dá a imagem de uma substância. Quando Lacan fala da substância gozante, em seu seminário, justamente aí está o problema. Cada vez que a substância volta, acho que há um problema. E é por isso que se encontram em muitas pessoas posições substancialistas. Miller é um deles, com o gozo cínico e esse tipo de coisa. Ou, por exemplo, um problema que chama a atenção, que eu não entendia, li várias vezes do livro de Allouch, onde ele fala da descoberta do objeto  $a$  — que novidade — quando diz que o Outro deixa de existir, que em vez do Outro é o  $a$ . De onde o  $a$  cai?

Me surpreendeu muito porque ele diz: “daqui em diante, Lacan não é mais hegeliano, não há mais desejo do Outro”. Acho que está no primeiro dos livros de erotologia. Se Lacan começa o *Seminário da Angústia* dizendo que o desejo do Outro difere nele do de Hegel, mas sustentando que continua sendo um Outro, mas barrado, a partir do qual se pode operar a existência do  $a$ , não entendo porque ele diz que Lacan deixa de ser hegeliano, porque não há mais desejo do Outro.

Voltando ao problema da pulsão, para Lacan há análise quando se põe em movimento o mecanismo do inconsciente, não o da pulsão. Então me parece complicado. Eu acredito que mudanças

ocorrem, mas são mudanças que, de qualquer forma, cada sujeito vai agir sobre isso. Mas as medidas educativas são inúteis. E é muito fácil cair nisso.

**M. Sauval:** Tomar o real como a realidade. Frequentemente ouço falar em frear o gozo como alguém freia um carro, em vez de pensar nos esvaziamentos pela via do desejo.

**D. Rabinovich:** Ou pelo menos fazendo alguma operação em que a satisfação seja deslocada de outra maneira. A palavra satisfação aparece pouco em Lacan. Não é uma palavra muito frequente. Em “*Encore*” é onde ele fala sobre a outra satisfação. É uma das poucas vezes. Talvez haja algumas menções mais esporádicas. Então aí voltamos ao problema da origem: Freud falou de realização do desejo e de satisfação da pulsão. São compatíveis? Não sei. Digo para problematizar um pouco o campo. Acho que tem que ser problematizado na clínica.

É verdade que Lacan, na última época, era tão pessimista quanto Freud em sua última época. Quando Lacan levanta a resistência dada pelo gozo, ele é como Freud quando falou da resistência dada pela pulsão, ou Melanie Klein com a resistência dada pelo excesso de pulsão de morte. Então, acho que o que está em jogo aqui é a tendência à onipotência dos psicanalistas. Não estou falando da psicanálise, estou falando dos psicanalistas, que querem tudo, querem curar tudo — mesmo que digam não — querem consertar tudo ...

**M. Sauval:** ... e explicar tudo...

**D. Rabinovich:** E há coisas que não têm explicação. É por isso que tenho tantas dúvidas sobre o passe, porque me parece uma espécie de intelectualização... as pessoas falam sobre o que sentiram, o que aconteceu com elas... mas aí todos ficam um pouco místicos.

**M. Sauval:** Por isso geralmente diminuem a intensidade das luzes. (risos)

**D. Rabinovich:** Isso já é um extremo de paródia.

**M. Sauval:** E os títulos das revistas são semelhantes aos títulos de *Crônica*: “Testemunhos do passe comovem Buenos Aires”. (risos)

**D. Rabinovich:** Saiu assim?

**M. Sauval:** Sim, na “*Uno por Uno*” número 4], se não me engano.

**D. Rabinovich:** Miller, apesar de suas origens, pegou e adaptou os métodos do capitalismo com muita eficiência. Mas isso não me interessa mais. O que isto significa? Que não se luta contra Miller falando sobre ele, mas, sim, fazendo outra coisa.

**M. Sauval:** Acho que esse ponto que a senhora mencionou é muito importante em relação à liberdade de poder fazer — por exemplo com o tempo da sessão — a liberdade de poder dizer, de poder pensar, acho que é algo muito importante. Porque as classificações superegóicas estipulam o que é ser analista, saber como se vai ver ou ouvir o que se diz, se vai repetir bem a doxa....

**D. Rabinovich:** No Brasil mais de uma pessoa dizia que eu não era lacaniana porque não aceitava o passe.

**M. Sauval:** Exatamente.

**D. Rabinovich:** *Je m'en fou.* (risos) Por quê? Porque eles não têm liberdade para pensar. O produtivo em Lacan é o seu pensamento e o que ele escreveu. Não é um modelo institucional. Isso está empobrecendo Lacan de uma forma espantosa. Além disso, Lacan continuou aceitando, até o fim, pessoas que não eram de sua escola. Ele aceitou em sua escola pessoas que haviam sido analisadas com qualquer um, até

mesmo da IPA, como Silvestre. Então, do que estamos falando? Lacan era muito menos ortodoxo do que os lacanianos de hoje.

**M. Sauval:** Agradecemos muito por este diálogo, foi muito interessante.

# O que é a formação permanente em psicanálise?<sup>1</sup>

Por Marco Antonio Coutinho Jorge

**LAVÍNIA BRITO:** Seja muito bem-vindo! A nossa jornada bombou aqui. A gente teve que administrar essa sala de espera. Algumas pessoas tiveram dificuldade, mas acho que acabaram entrando, e quem não conseguiu entrar, depois a gente vai dar um jeitinho. Se você autorizar, a gente compartilha a gravação da sua conferência, tá bom? É um prazer tê-lo aqui conosco. É o quarto ano da nossa Jornada sobre a formação do psicanalista e, pela primeira vez, temos você prestigiando. Mesmo nos anos anteriores, você sempre apoiou e incentivou nosso trabalho aqui na Jornada. Então, é um prazer recebê-lo hoje. Marco Antonio vai falar sobre o que é formação permanente em psicanálise. Marco, com você, então.

**MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE:** Lavínia, muito obrigado pelo convite. É um prazer estar aqui com você e com todo o pessoal de Barra Mansa. Essas Jornadas já estão virando tradicionais. Você é uma trabalhadora em torno da questão da formação do analista já há muito tempo. Recentemente, foi publicado, inclusive, um texto seu no nosso boletim, Bloco Mágico, sobre formação. Eu coloquei essa pergunta para nós pensarmos, porque a gente tem essa noção de uma formação permanente, que a gente recebeu de Lacan, e eu gostaria, então, de trabalhar com vocês em torno dessa pergunta.

Como é que ocorreram os trabalhos hoje durante o dia? Infelizmente, não pude estar com vocês. Eu gostaria muito de ter ouvido

os trabalhos anteriores, até para poder dar uma continuidade nas questões. Eu estava dando um curso lá na Universidade Estadual de Londrina de manhã. Como é que foram, Lavínia, os trabalhos anteriores?

**LAVÍNIA:** Foram muito interessantes. A gente se dividiu em relação às temáticas e, então, algumas pessoas falaram sobre a questão da análise pessoal na formação. Você foi muito citado, também, porque aquele livro sobre *Lacan e a formação do analista* é uma referência para todos nós em termos de formação. A questão do tripé também foi trabalhada, o que achei interessante. Algumas pessoas trouxeram questões relativas à possibilidade da prática analítica em espaços outros que não o consultório privado. Foi um relato de experiência bem interessante. Por último, tivemos trabalhos sobre a transferência, sobre o não-saber, sobre os efeitos da formação na prática. Então, as mesas foram amarradinhas e foi muito interessante ver como os trabalhos conversaram e foram levantando questões que eu acho que, de alguma maneira, agora, com a sua fala, a gente vai poder dar uma costurada em algumas coisas. Então, eu considero que foi muito proveitoso, muito bom.

**MARCO ANTONIO:** Vamos conversar. Eu fiquei, também, muito interessado em ouvir. Você falou sobre a intensão e a extensão, não foi isso? Resume para mim o que você falou.

**LAVÍNIA:** Eu falei um pouco sobre essa proposta que Lacan traz – também trazendo as suas considerações de que isso, de forma alguma, anula a questão do tripé – e a dupla dimensão, também, da intensão e da extensão no ensino, trazendo

<sup>1</sup> Conferência proferida na Jornada de Formação do Psicanalista 2021, organizada pelo Corpo Freudiano Núcleo Barra Mansa (RJ), no dia 15/05/2021, às 17h. Transcrição e estabelecimento do texto da conferência por Arthur Teixeira Pereira. Texto não revisto pelo autor.



aprendizagem. O aprendizado na transferência e o aprendizado a partir da teoria, falando um pouco desse lugar da escola, da importância da escola presentificando a psicanálise no mundo, fortalecendo laços entre analistas e, também, podendo expandir a psicanálise para além desses contextos mais tradicionais. Há uma falsa visão em torno dessa elitização da psicanálise, dessa questão do *setting*, que Lacan vai nomear de dispositivo analítico. Então, trouxe alguns apontamentos e falei sobre o lugar do analista a partir da questão da transferência. Foi mais uma introdução para levantar a bola para o que viria depois.

**MARCO ANTONIO:** Boa tarde para todo mundo! O nosso assunto é extremamente complexo e não é à toa que fazemos todo ano uma Jornada em torno do mesmo tema. É o mesmo tema que se renova continuamente na sua complexidade e deve acompanhar a nossa trajetória de formação, pois refletir sobre a formação é parte da formação analítica. Vejam bem a pergunta que eu fiz para a gente tomá-la em consideração: o que é formação permanente em psicanálise? A gente pode começar pensando numa possível resposta dizendo que é a permanente questão em torno do que é a formação analítica, isto é, formação permanente na psicanálise é uma das dimensões mais evidentes da formação analítica. É claro que isso tudo, para nós, foi efeito do ensino de Lacan, significando que tudo que ele desenvolveu, sobretudo desde os anos 1950, para o campo da teoria psicanalítica e o campo da prática, teve consequências diretas sobre a questão da formação do analista. É uma espécie de continuidade moebiana da intensão com a extensão, e o que Lacan desenvolve e introduz foi feito muito passo-a-passo, ao longo de todos os anos de seminário e escritos. Tudo isso é sempre fonte de renovação para o problema da formação.

Essa noção de formação permanente aparece com Lacan, sobretudo, numa certa

posição refratária, claramente refratária em relação ao protocolo de formação analítica instituído pela IPA, Associação Internacional de Psicanálise, desde os anos 1920, quando foi criado o primeiro instituto de formação psicanalítica em Berlim. O primeiro a ser criado, curiosamente, não foi em Viena, mas em Berlim. Os moldes que foram concebidos naquele momento pela Associação Internacional de Psicanálise permaneceram, praticamente, os mesmos, o que é um fato muito impressionante. Isso aparece claramente no livro que Moustapha Safouan escreveu, *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*, que se tem sempre como uma referência importante para o estudo da questão da formação do analista; e também no histórico que a Catherine Millot faz sobre a história da formação do analista, publicado naquele livro que a Lavínia lembrou agora sobre *Lacan e a formação do psicanalista*, que eu organizei há alguns anos atrás e que hoje já tem sua segunda edição revisada.

Esse protocolo da formação criado pela IPA foi uma resposta que os analistas conseguiram dar, naquele momento, para as questões complexas que começaram a se insinuar no meio freudiano. Bem no início da história da psicanálise, havia analistas que se consideravam analistas depois de ter tido algumas conversas com Freud e, então, começavam a clinicar. Sendo assim, algumas conversas com o Prof. Sigmund Freud já valiam como uma análise e as pessoas se autorizavam a começar a atender os seus analisandos. É claro que, muito rapidamente, essa ideia de uma análise de formação foi se impondo, fazendo com que alguns analistas comessem a entronizar cada vez mais essa ideia, resultando no protocolo que exigia, para a formação, uma análise pessoal.

Assim, já tem uma questão que surge sobre a qual devemos parar para pensar. Parece que as coisas ficaram invertidas. Alguém quer ser analista, então vai fazer análise por

causa disso. Dessa forma, sobre essa análise, qual é o seu objetivo? Parece que inverteu o que está em jogo. A análise é formativa como efeito de uma análise, por isso que Lacan acabou fazendo aquela conhecida afirmação que diz que toda análise é, no fundo, uma análise didática. Essa afirmação apareceu antes de Lacan no texto de Sándor Ferenczi, discípulo dos mais queridos por Freud, talvez o mais querido, que foi, aliás, o primeiro analista a escrever um texto sobre a questão do fim da análise – um texto publicado em 1928, chamado *O problema do fim da análise*. A gente pode voltar a falar sobre isso depois.

Essa ideia de uma análise obrigatória para a formação parece desviar a questão, transformando uma análise pessoal numa análise com fins específicos de formação, como se houvesse uma análise diferente da análise dita terapêutica. Isso foi instituído pela IPA com muita evidência, porque a IPA passou a adotar, nos seus protocolos, duas figuras de analistas: o analista didata e o analista não-didata. Analista didata é aquele, dentro da IPA, que recebia analisandos que eram sujeitos querendo fazer formação analítica. Sendo assim, se alguém quisesse fazer formação analítica, não poderia procurar um psicanalista que não estivesse naquela lista restrita de analistas ditos didatas. Assim como também não poderiam fazer supervisão a não ser com aqueles supervisores indicados pelo instituto da IPA daquela localidade. Então, é claro que essa figura do didata se transformou, do ponto de vista mais geral, numa figura em que o poder relacionado à transferência se instaurou com muita evidência. Vocês sabem como que Lacan atribui importância para a questão do poder do analista e escreveu, inclusive, um texto sobre isso, *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. O poder do analista existe, é aquele poder que é outorgado a ele pela transferência e o que caracteriza o analista é que ele não usa esse poder, ele não usa o poder que a transferência lhe outorga naturalmente.

Sabemos que a transferência na vida cotidiana é muito poderosa. Quando nós amamos uma pessoa, por exemplo, essa pessoa tem todo poder sobre nós. Damos a ela todo o poder, tornando-a poderosa. Na análise, cujo núcleo de funcionamento é operado pela transferência, da mesma forma, essa transferência outorga um poder ao analista, cuja característica essencial é a recusa, para a qual o analista é convidado continuamente, de utilizar esse poder. Ele recebe esse poder que lhe é investido, contudo se despoja dele. Dessa forma, continuar a se despojar desse poder é permitir que a transferência avance na direção não mais da relação intersubjetiva eu a eu, ou entre dois sujeitos, como pode acontecer na vida cotidiana, mas, sim, fazer com que a transferência se redirecione para outra região, que é a região do sujeito do inconsciente, no qual o analista reconhece de fato um poder verdadeiro – o poder do inconsciente e a orientação do inconsciente na estruturação do sujeito.

Se a gente for observar, em tudo isso que eu estou trazendo, sob o ponto de vista lacaniano, fica impressionante ver que o protocolo de formação da IPA parece instaurar um grande Outro, um Outro com “A” maiúsculo que é não barrado, que é todo e que dele pode provir a formação de um analista. Essa ideia de um analista didata, no fundo, recusa a falha do sujeito e concentra em alguns analistas, os tais didatas, um poder que parece distingui-los dos outros. Evidentemente que o trabalho de Lacan e seus desenvolvimentos teórico-clínicos foram muito rapidamente tendo efeito; e quando, nos anos 1960, ele vai criar sua própria escola, ele já está imbuído de certas noções, com muita clareza, de que é preciso não estabelecer uma hierarquia analítica, que não possui sentido analítico. Ela tem um sentido social e tem um sentido institucional, essa noção de analista didata. Mas não tem sentido analítico, não tem nenhum sentido

pensarmos em termos de um analista diferente dos outros.

Então, na escola criada por Lacan, a escolha do analista era livre. A escolha do analista parece – é uma afirmação assim no que ela é comparada com a IPA – ela parece uma afirmação retumbante, a liberdade de escolha do analista. Mas, de um ponto de vista analítico, ela é necessária e simples. Ela é precisa, porque toda análise pessoal se organiza e se constrói em torno do vetor transferencial, esse vetor transferencial precisa ser totalmente genuíno para que as experiências se produzam de uma forma mais autêntica possível. Entendem? Traduzindo de outro modo, não há como controlar o vetor da transferência, e é o que a IPA sempre propôs – não sei se ela ainda propõe isso –, talvez em algumas instituições da IPA ainda tenha essa distinção. Algumas aboliram, mas, talvez, ainda haja essa proposição de um didata. Ela significa o quê? O controle do vetor transferencial. A formação do analista depende de você fazer transferência com este analista, e não com os outros, com esses aqui somente. É claro que, ao fazer isso, a instituição cria transferência, mas ela impede também outras transferências, e ela organiza um núcleo de poder transferencial – porque a transferência é poder – como eu dizia há pouco. Ela organiza esse núcleo em torno de algumas pessoas. Lacan confrontou o instituto com essa verdadeira hierarquia, uma casta de analistas. Ele desconstruiu essas ideias e colocou a ideia de que “toda análise é, no fundo, uma análise didática” para operar mais plenamente possível na sua escola.

Toda análise é, no fundo, uma análise didática desde que venha a sê-lo. E, então, Lacan desenvolveu essa orientação da maneira mais ampla possível. A análise vai se desenvolvendo, então, essa ideia de análise só se revela didática depois, quando chega a produzir um analista como efeito de um percurso analítico.

Junto com o protocolo bastante rígido da IPA, veio, também, um curso todo estruturado em torno de um programa de ensino com seminários muito bem definidos, períodos de estudo muito bem delimitados, tantos anos de formação, tantos anos de supervisão e até mesmo tantos anos de análise didática! É claro que esse protocolo não correspondia e nunca correspondeu à realidade, porque a realidade da análise mostra que o tempo da análise é um tempo impossível de ser estabelecido de antemão. O tempo de uma formação não é passível de ser dominado em todos os seus aspectos. Talvez essa seja também uma outra forma de considerar a ideia da formação permanente.

Como é possível pensar que em quatro anos um analista em formação possa ter esgotado todos os estudos que lhe são necessários e que venham a possibilitar que lhe seja outorgado o título de analista? Do ponto de vista do discurso universitário, essa é a perspectiva, e quando Lacan direciona sua crítica aos protocolos de formação vigentes da IPA, ele vai muito bem munido da diferença entre o discurso universitário e o discurso analítico. Para o discurso universitário, a dominante é o saber, é o saber que produz o sujeito. Então, é a ideia da universidade que também pode ser questionada, a ideia de que alguém que estude medicina depois de seis anos receba o título de médico e possa, então, desempenhar as funções dessa profissão. Esta é uma ideia baseada na estatística, nas avaliações, mas nós sabemos muito bem que o médico depois de formado é que começa a formação. Depois que ele recebe o título, se dá conta de que precisa fazer todos os estágios possíveis, residências, internatos, frequentar todos os serviços da sua especialidade para que venha adquirir uma capacidade médica efetiva para desempenhar suas funções. Ou seja, em todas as atividades humanas, o discurso universitário, por funcionar burocraticamente, aliena a realidade numa temporalidade que não existe: a realidade

dos carimbos, a realidade dos papéis, a realidade dos ofícios, das secretarias que parecem que resolvem tudo. Mas o médico junto ao seu paciente lá na clínica, no hospital, no ambulatório é que vai precisar realmente saber o que fazer. Mesmo que ele tenha recebido esse título, não é esse título que recebeu que garante a sua prática, pois ele vai precisar se garantir de outra maneira. Eu estou chamando atenção, porque a ideia de formação permanente pode ser estendida para outras atividades humanas. No caso da psicanálise, Lacan abre essa via de considerações bastante heréticas para a IPA, porque a IPA era monumental, com tudo muito bem estabelecido no discurso universitário e no discurso do mestre. Todo esse pensamento lacaniano é muito herético e vai produzir furos numa estrutura gigantesca. Não é à toa que Lacan acaba sendo expulso da IPA.

O problema do discurso universitário ligado à formação também tem a ver com a rotina e o hábito que a burocracia está sempre colocando em prática. Como eu dizia para vocês, os carimbos e papéis que resolvem tudo. A psicanálise é uma prática em cujo fulcro tem uma surpresa, tem um inesperado e, portanto, a prática analítica é muito avessa à rotina, à burocracia e à repetição ritualística. E junto com essa posição burocrática do discurso universitário, veio se juntar uma posição dogmática do discurso do mestre dentro das instituições, o que também reforçou mais ainda essa primazia da unidade institucional muito refratária ao novo, à diferença, ao avanço.

Vocês estão entendendo que tudo isso que eu estou chamando atenção é exatamente tudo aquilo que Lacan vai subverter? Lacan vai subverter exatamente tudo isso. Primeiro, ao retirar essa noção de “didata”, “analista didata”; segundo, ao tirar o protocolo de formação de certos estereótipos pré-definidos e pré-estabelecidos, que são defensivos no sentido lacaniano de que a formação

analítica implica no real inapreensível, e o real sempre tende a produzir em nós reações defensivas. Aliás, é isso que constitui as estruturas clínicas: defesas em relação ao real da castração. O neurótico responde ao real da castração pelo recalque e assim por diante. Cada estrutura clínica é uma defesa. As estruturas são defensivas em relação ao real da castração, e a análise visa produzir a ultrapassagem da reação defensiva diante do real e a consequente subjetivação desse real.

Nas instituições e nas relações humanas é a mesma coisa que acontece: nós reagimos. Nossa tendência espontânea de reação é defensiva diante de algo que nós não compreendemos, que nós não conseguimos precisar o que é. Nós nos afastamos desse real com uma atitude de rechaço, que é típica do recalque – manter a distância – mas há defesas ainda mais graves do que essa. Negar, por exemplo, é uma atitude defensiva. A negação, o negacionismo no qual o Brasil mergulhou, pois existe o real da pandemia, do vírus mortífero: “Não! Não! Isso é uma gripe”, “Não, isso não existe!”, “Não, isso é curável com medicamentos facilmente”, “Não, existe um tratamento prévio”. É a negação do real.

A formação analítica implica num real. Há um real em jogo, diz Lacan, na formação do analista, e as sociedades se assentam sobre ele. “Assentar-se sobre ele” é tapar o buraco sentando em cima dele, para que ele não apareça, para tamponar o furo. Lacan decidiu reabrir o furo, ele destampou essas tampas que foram colocadas. Ele colocou: “Vamos abordar esse furo, é dele que se trata”. Então, ele desconstrói a ideia de análise didática e desconstrói a ideia de um ensino teórico-universitário e, ainda, a ideia de uma supervisão obrigatória.

Essas desconstruções sucessivas favorecem a emergência do desconhecido. O primeiro desconhecido mais complexo de todos é a questão do fim da análise, existindo ainda

vários desconhecidos na formação analítica. Sobre esses desconhecidos ligados às formas de ensino, se ele não deve obedecer ao protocolo universitário, como ele deve ser oferecido? A obrigatoriedade da supervisão, ao ser retirada, também deixa a atividade da supervisão submetida à realidade da experiência. Quando Lacan retira a obrigatoriedade da supervisão, chega até a ser acusado de desqualificar a importância da supervisão, de ser contra a supervisão, o que não é de modo algum verdade. Ele apenas retirou a obrigatoriedade da supervisão feita de forma protocolar. Dentro da IPA – vocês provavelmente não sabem – há um protocolo, pelo menos na minha época havia, quando eu comecei a minha formação, porque eu cheguei a frequentar um pouco o ambiente em torno da IPA. Na época era assim: o analista em formação primeiro entra em análise e depois começa a frequentar os seminários, por não poderem ser frequentados antes do início da análise, pois produziria resistência à análise. Se o sujeito começa a entrar em contato com a teoria, isso dá resistência à análise, então, depois de algum tempo tem que começar a atender e ter supervisão. Primeiro a supervisão com um analista supervisor e uma segunda supervisão com outro analista supervisor. Assim, essas duas supervisões têm que ser feitas, cada uma, em torno de um caso clínico que é seguido do começo ao fim do tratamento.

Cada um escolhe um caso que vai acompanhar com o supervisor de uma forma totalmente sistemática e com a seguinte observação: a primeira supervisão deve ser de um caso clínico do sexo oposto ao do analista, e o segundo caso clínico de supervisão deve ser de um caso clínico do sexo oposto ao oposto. Curioso isso, essa forma estranha de falar sobre o sexo, quer dizer, então, que não tem nenhum paciente do mesmo sexo do analista, tem do oposto e tem do oposto ao oposto, que seria o mesmo, mas não é designado como tal.

Quanta defesa! Assim, traduzindo analiticamente, quanta neurose oferecer um protocolo neurótico para a formação pode trazer. Porque é claro que a teoria pode ser defensiva, o sujeito pode usar a teoria defensivamente, mas isso é analisável; a análise existe para analisar tudo, inclusive as defesas estabelecidas e ancoradas na teoria. Essa ideia de acompanhar um paciente obrigatoriamente do começo ao fim com a supervisão sistemática é bastante questionável do ponto de vista analítico. Ela faz um espelho do atendimento, pois o analista atende o seu paciente e depois leva aquela sessão para o supervisor e atende novamente e leva para o supervisor. Isso é uma espécie de eco, que leva a que seja formulada a pergunta: quem está atendendo? Dessa forma, parece que não é mais o analista, é o seu supervisor que está atendendo. A gente ouve depoimentos que dizem exatamente o que é nesses casos a supervisão, que parece começar a comandar o tratamento: “Você tem que fazer assim!”, “Você não pode fazer assim!”. Ou seja, o analista é despossuído da sua capacidade, do seu discernimento analítico para o qual deve ser formado em primeiro plano. Ele é infantilizado pelo supervisor ao passo que a análise é, exatamente, o tratamento do infantil. O sujeito é organizado em termos de ser movido por diretrizes e por não poder discordar delas, quando a análise é um processo para permitir ao sujeito deliberar, a cada momento da sua vida, as suas escolhas e ações, e o analista precisa fazer isso a cada momento com seus analisandos, não só na sua vida, como também na sua prática. Então, vocês estão entendendo como que a coisa mudou de figura com Lacan? A coisa mudou seriamente de figura, pois foi tirada a tranquilidade inerente aos dogmas e à estabilidade, que podem, por um lado, ser fonte de conforto, mas, do ponto de vista analítico, são fontes de estagnação. Eu vou ler para vocês uma frase do artigo escrito por Lacan: “Variantes do tratamento-padrão”, que está nos *Escritos*.

Tem uma fala de Lacan que é impressionante! Tendo olhado para a formação com esses outros olhos, ele estabelece algumas diretrizes muito importantes oriundas da sua compreensão clínica, fato muito importante para chamar atenção sobre as novidades da formação em Lacan. Inerentes à sua concepção da formação analítica são os efeitos da sua reflexão teórico-clínica, incidências do campo teórico-clínico. Ele afirma na página 364 dos *Escritos*<sup>2</sup> que “a análise só pode encontrar sua medida nas vias de uma douta ignorância”. Douta ignorância é um oxímoro, que é uma figura de linguagem em que você conjuga dois termos opostos. Como é possível haver uma ignorância de um doutor? Essa douta ignorância, que é uma expressão que ele vai colher da filosofia, serve para Lacan situar não só a prática do analista na experiência de tratamento dos seus pacientes, mas, também, no âmbito da formação, a existência desse real que implica numa posição de douta ignorância.

Então, me veio à cabeça recomendar a vocês a leitura de um texto de Freud que recentemente me ocorreu voltar a trabalhar. Talvez ele seja o texto mais importante sobre a formação do analista, chamado *A questão da análise leiga*. É um texto absolutamente fundamental no qual todas as questões relativas à formação são tratadas de uma maneira muito viva, com exemplos, e referidas sempre a fatos ligados à clínica, à experiência do analista etc. Então, é um texto que merece ser retomado e estudado com muito cuidado, com muito detalhe, sobre a questão da análise leiga. Fechando esses parênteses, que foi uma recomendação que me ocorreu e não queria esquecer de fazê-la.

Em relação à supervisão, vamos retomar os três aspectos do tripé clássico: análise pessoal, ensino teórico e supervisão clínica. Vamos retomar o que Lacan introduz ali de novo e que acaba desembocando na noção

de formação permanente. O primeiro aspecto do tripé é a análise pessoal, o segundo é o ensino teórico. Na análise pessoal, nós estamos abordando o singular em que aparece a experiência de uma análise. Uma psicanálise é essa experiência produzida a partir de uma posição de não-saber, o não-saber do analista. No campo do ensino teórico, ao contrário, o ensino é feito em torno do saber, e também não é o ensino referido a uma análise, é um ensino referido à psicanálise como sendo da ordem do universal. Se na análise pessoal nós temos aquilo que Lacan vai chamar, com muita pertinência, de travessia da fantasia, no estudo teórico, eu acredito que o analista tem uma experiência de travessia da teoria. É igualmente uma travessia, são duas travessias a serem feitas.

Ensino e transmissão são coisas diferentes. Nós podemos distinguir o ensino – que pode ser feito através da demonstração de axiomas e da explicitação de certas noções e conceitos – da transmissão, quando um discurso me oferece uma condição plena para acolhê-lo em toda sua expressão, um discurso que é apresentado em condições ótimas que permitem que você receba a amplitude desse discurso em você. Eu acredito que a transmissão se produz quando esses dois aspectos estão associados, quando o analista não só ensina a teoria, mas ensina a teoria com um pé na sua experiência analítica pessoal. Ele fica bípede, de forma que um pé fica no ensino, na teoria, e um pé na experiência analítica. E essa dupla articulação entre dois pontos totalmente opostos – saber e não-saber – favorece a transmissão, permite que haja transmissão ou simplesmente otimiza a possibilidade de que haja, em algum momento, transmissão, o que já é bastante coisa, porque o ensino teórico é, em si mesmo, muito árido. Ele é árido, desértico, se vocês me entendem. O que a transmissão faz é colocar vida, colocar flores nesse deserto árido da teoria, e isso só pode ser feito plenamente quando aquele que ensina se vale dos significantes primordiais

<sup>2</sup> Edição brasileira de 1998, da Editora Zahar.

da sua própria história. Aqueles significantes que são marcantes para ele próprio e com os quais ele foi tendo contato ao longo da sua análise. Porque análise é você recolher os significantes fundadores da subjetividade e poder com eles fazer alguma coisa, não importa o quê, porque seja o que for que você fizer, vai ser você fazendo e não outro.

O terceiro aspecto – o da supervisão – é interessante porque é a supervisão clínica, e eu considero que a supervisão clínica ocupa o lugar de sintoma da formação analítica, sintoma no sentido analítico e eu vou me deter nesse ponto. Ela é um sintoma por articular o saber com o não-saber, articular o ensino com a análise pessoal, o que significa, por outro lado, que a transmissão está obstaculizada. Ela é uma espécie de lugar onde aquilo que rateia aparece e é da ordem do sintoma. Essa ordem mostra a verdade do conflito, onde o conflito está instaurado, e a supervisão, tradicionalmente, tem essa dimensão impressionante que articula uma análise à psicanálise. Como eu disse, Lacan não se opunha, de forma alguma, à supervisão; ao contrário, ele deu supervisão a vida inteira. Ele só retirou a obrigatoriedade burocrática da supervisão, de acordo com o protocolo estabelecido pela instituição. Ele deixou a supervisão seguir com liberdade as necessidades do analista em formação em seus diferentes momentos. Ao se deparar com alguma questão de algum paciente que esteja suscitando, na clínica, uma indagação ou mesmo algum problema, o analista em formação irá procurar a supervisão. Porque uma supervisão que é procurada a partir de uma necessidade clínica, portanto, transferencial – porque quando o analista tem alguma questão com algum analisando é porque a transferência está produzindo alguma questão em relação à transferência dele – então, uma supervisão que é buscada no momento em que o analista em formação se deparou com uma questão real da sua prática, vai ter efeitos e consequências

muito mais verdadeiros e genuínos do que essa supervisão burocrática feita “para inglês ver”, como se diz, feita para que o protocolo seja realizado e o sujeito receba o seu título de analista. Isso dá um caráter de autenticidade ao processo. Então, isso que eu chamei atenção – que Lacan trouxe para a formação –, ele introduziu no âmbito da formação o mais possível dos processos inerentes à própria psicanálise, ou seja, a produção da subjetivação. A análise visa colocar palavra nos afetos. O afeto, vocês sabem, escapa à palavra, a gente fica afetado quando a gente não consegue falar. A análise é um processo de busca da palavra para colocar no lugar do afeto que, normalmente, é corporal. Retomando, a supervisão é sintomática porque ela tem duas perspectivas: ela tem uma dimensão analítica e uma dimensão teórico-clínica. São duas dimensões míticas numa supervisão, no meu ponto de vista. A dimensão analítica é quando o analista em formação, ou mesmo o analista, já está bastante avançado em sua formação, mas busca supervisão, porque a supervisão não faz parte apenas de um processo inicial de uma formação. O analista mais bem formado do mundo pode, em algum momento, querer falar sobre um caso dele com outro analista e colocar aquilo em supervisão. Isso é comum e importante que a gente saiba, isso fala igualmente a favor da formação permanente.

Quando alguma questão que remete à subjetividade do supervisionando aparece na supervisão – vocês sabem que o supervisor não vai analisar o seu supervisionando – mas se aparece uma questão que tem a ver com a análise dele, o que o supervisor vai fazer é remeter o supervisionando ao aspecto número um do tripé: a sua análise pessoal. Acontece também de um determinado caso clínico trazer para um analista questões teóricas que ele não domine bem, das quais ele desconheça algum elemento essencial. Nesse caso, o supervisor vai remeter o seu supervisionando ao aspecto número dois

do tripé: o estudo. Ele vai recomendar um texto, uma leitura, ou seja, algo que possa ilustrar melhor para aquele analista as questões com as quais ele está tendo dificuldade. Isso não é errado em supervisão, essa é a minha concepção do que é a supervisão em psicanálise. Vocês sabem que não é a noção da supervisão que se tem em muitos lugares de uma maneira geral. Nesse entendimento, a supervisão é considerada do ponto de vista estritamente analítico, e o supervisor é aquele que apenas funciona como uma bússola do que está em jogo na questão analítica dos seus supervisionandos. Quando aquilo aparece, isso vai ser remetido à análise, mas não é essa minha experiência. Na minha experiência, observo que os analistas também têm dificuldades teóricas para poder acolher analiticamente certos casos.

Ainda que o analista opere pelo não-saber, ele tem um saber. A ideia do não-saber é correlativa a um saber, e Lacan, inclusive, diz que o não-saber do analista não significa ignorância, significa uma posição subjetiva relativa ao saber inconsciente, pois o que está sendo almejado na experiência da análise é o não-saber inconsciente.

No campo do ensino, Lacan introduziu a ideia do cartel como sendo uma forma de trabalho teórico, de estudo que é atravessada pela psicanálise, atravessada pela experiência da análise. Ela é uma estrutura própria que se aproxima o máximo possível da própria estrutura de uma experiência analítica: um grupo restrito de participantes com mais-um, com tempo para começar e acabar. Um tema definido e uma produção ao final, ou seja, uma elaboração subjetivante da teoria.

No caso da análise pessoal, Lacan tomou a questão do fim da análise como problema maior da formação do analista e pontuou que as sociedades analíticas se desviavam desse problema continuamente, ou seja,

evitavam enfrentar esse problema. Então, o que ele fez foi dizer: “Ah, é? Estamos com problema? Então, tá! Então, vou pegar esse problema e vamos botar ele no meio da instituição”. Ele pegou a questão do fim da análise e colocou no meio da sua escola e criou um dispositivo chamado “dispositivo do passe” para poder fazer com que a questão do fim da análise fosse elaborada pelos próprios analistas. Então, o que eu estou o tempo todo chamando atenção foi para o que Lacan quis fazer no protocolo de formação. Ele foi explodir esse protocolo, atravessando-o pela própria experiência da análise, como ele disse em algum lugar. Tem que aparar as arestas sem desviar dos problemas, sem negar as dificuldades, pois há dificuldades. Vamos ver quais são elas! Há coisas irrespondíveis? Muito bem! Não vamos respondê-las de qualquer maneira para nos vermos livre delas, vamos deixá-las sem respostas, pois isso é o procedimento analítico. Quando não se tem uma resposta, a gente mantém suspensa a pergunta, porque talvez o inconsciente consiga dar uma resposta em algum momento. É isso que a análise propõe.

Para finalizar essa conversa sobre a formação, formação enquanto permanente, eu acredito que a gente poderia considerar, ainda, que análise pessoal pode ser concebida como tendo um fim correlativo a alguns aspectos da experiência. Afinal, nada impede que, em algum momento, alguém analisado precise procurar novamente um analista para retomar a sua análise. O real continua fazendo as suas investidas, às vezes extremamente violentas, sobre a nossa vida, e seria muito arrogante a gente supor que uma análise chegada até o fim seja conclusiva e definitiva para prevenir o sujeito de qualquer outro sofrimento e qualquer outro trauma que ele venha sofrer na vida. Mesmo porque, a análise é uma experiência de estruturação, no sentido de que é quando a gente fala que a gente se estrutura, estrutura-se a nossa maneira de ver o mundo, de ver os outros e de nos vermos a nós mesmos. Eu gosto muito de



fazer seminário, trabalhar com atividades, porque, com muita frequência, falando é que eu vejo e me estruturo em relação à teoria, em relação ao meu conhecimento. Dessa forma, a estruturação é contínua, é permanente na medida em que o real está o tempo todo avassalando-nos. É falando que a gente se dá conta de umas coisas bem interessantes. É falando que a gente se dá conta de já sabermos de coisas que não sabíamos que sabíamos. Isso é experiência diária do analisando, quando no meio de uma sessão diz: “Nossa! Agora estou falando uma coisa que eu nunca pensei. Mas que coisa incrível!” Então, ele entra nesse mundo que se abriu para ele a partir da fala, por isso que não existe análise por escrito. A análise existe com a fala. Inclusive, eu conheço pelo menos uma pessoa que pediu análise por escrito a Lacan e ele respondeu que estaria esperando-a em seu consultório em Paris, não aceitando fazer a análise por escrito.

Falando a gente se dá conta de uma outra coisa, talvez não tão agradável, da qual a gente não sabia, alguma coisa que a gente achava que sabia. Então, falar é essencial, por isso que numa supervisão, por exemplo, existe um método. A supervisão exige um método analítico. A minha concepção é de que o analista supervisionando, ao falar sobre seu paciente, o que lhe vier à cabeça, seja também uma associação livre sobre o caso. Porque às vezes o supervisionando, ao querer fazer uma boa supervisão, é muito dedicado, tem um afinco na realização da experiência. Então, ele leva um texto que quer ler sobre seu analisando, no qual anotou suas observações e gostaria de ler minuciosamente para o supervisor ouvir e poder acompanhá-lo. Entretanto, o supervisor deve dizer para ele que não precisa ler nada disso, ele pode pedir para ler as anotações posteriormente, pois ele quer ouvir o supervisionando falar, porque quando ele falar, ele vai falar coisas que ele não escreveu e que ele não sabia que falaria. Sendo assim, a supervisão para Lacan obedece a um protocolo da análise

que é a associação livre, porque essa é a sua característica para dar acesso ao que não está libertado, para liberar a palavra amordaçada. A análise libera a palavra amordaçada. Na supervisão, deve ser preservado, como na análise, o vetor transferencial que, nesse caso, nasce no analisando, chega ao analista e desemboca no supervisor. A transferência precisa fazer seu circuito completo para chegar a atualizar a realidade do inconsciente. Chegando ao supervisor sem interferência, isto é, veiculado pela fala livremente e sem as defesas que a escrita comporta, o vetor transferencial conseguirá ser analisado. Eu vou ficar por aqui e vamos conversar agora.

**LAVÍNIA:** Marco, muito obrigada. Foi ótimo! Como eu falei, deu uma costurada em várias questões que a gente foi levantando. Você foi levantando outras coisas também importantes. Vou abrir para quem queira colocar alguma coisa, fazer pergunta. Quem gostaria de fazer uma colocação?

**GLÓRIA SADALA:** Eu gostaria! Posso falar?

**MARCO ANTONIO:** Claro, Glória. Seja bem-vinda! Pode falar!

**GLÓRIA:** Obrigada! Bom, quero agradecer a você e, também, ao pessoal de Barra Mansa e à organização pela oportunidade, por ser [um evento] aberto. Quero agradecer ao Marco, por esse percurso que ele fez sobre a formação permanente do analista. Agora, Marco, eu queria, primeiro, ouvir um pouco de você. Por que você acha que, justamente a partir de Freud, foi estabelecida uma formação tão burocrática, como você tão bem nos apresentou, em relação à IPA? Por que é a partir de Freud que foi fundada uma sociedade de psicanálise tão burocrática dessa forma? Esse é o primeiro ponto. O segundo é que eu não entendi bem quando você falou sobre a supervisão: eu não sei se você se referiu à questão da supervisão ser feita pelo próprio analista; não entendi se você colocava isso como uma coisa favorável ou desfavorável. O

terceiro ponto é que eu achei ótimo quando você colocou que a supervisão também não deve ser burocrática tal como a análise. Claro! Então, uma supervisão deve partir de uma demanda proveniente da clínica, algo que suscite uma questão para o analista. Você disse isso e eu pensei se você tem alguma posição... ou para você tanto faz? Em relação a esse ponto de acompanhar em supervisão um caso de uma forma mais sistemática, porque a gente ouve e a gente sabe que alguns colegas, quando aceitam alguém em supervisão, às vezes, há essa exigência: "Você vai escolher um caso e nós vamos acompanhar esse caso". E não é ninguém da IPA. Eu entendo é que você diz o contrário, o quanto é proveitoso que não seja assim e que a demanda de supervisão venha sempre proveniente de uma questão. Então, eu queria ouvir de você, sobre os três pontos.

**MARCO ANTONIO:** Obrigado, Glória, pelas questões. É um prazer você estar aqui na minha conferência. Os rumos que a IPA tomou foram muito cedo criticados pelo Freud. É impressionante que a IPA tenha sido fundada em 1910 e, em 1914, quando Freud escreveu a *História do movimento psicanalítico*, ele vai dizer que fundou a IPA quatro anos antes com certos objetivos, inclusive de proteção da psicanálise dos analistas, devido a tudo que a psicanálise desencadeia de resistência e de ambivalência. Entretanto, ele viu que a IPA estava se tornando uma sociedade *contra* a psicanálise. É essa passagem que vai levar Lacan a falar que a IPA é uma "SAMCDA" em *Televisão*. Nesse texto, Lacan cria esse acrônimo inusitado e diz que a IPA é uma Sociedade de Auxílio Mútuo Contra o Discurso Analítico. O que é interessante é ver que as palavras que Freud usa em *História do movimento psicanalítico* correspondem exatamente àquilo que Lacan resume com essa "SAMCDA". Agora, de todo modo, isso não responde a sua pergunta.

Eu respondi com Freud e com Lacan, mas a pergunta continua porque é enigmática. A única compreensão que eu posso ter disso é a seguinte: a necessidade de preservação da psicanálise como instituição teria levado Freud até a suportar tanta falha em tantas posturas, ainda que ele mesmo não concordasse, porque tinha homens muito poderosos com ele. Jones era muito poderoso. Então, essa construção funcional, eu imagino, que seria muito difícil para Freud conseguir, ele se mantinha à distância, como diz Elisabeth Roudinesco. Ele não ocupava nunca a presidência, ele era um mestre, mas nunca era o diretor-presidente. Ele ficava de fora e deixava sempre um desses homens poderosos consolidar a instituição porque era preciso fazer isso. Mas, de qualquer forma, é enigmático isso, tem um campo de pesquisa que eu acho que é muito interessante. Em relação à supervisão, o que eu estava dizendo em relação a essa ideia de acompanhar um paciente direto é que eu não me oponho a absolutamente nada. Eu acho que a liberdade deve regular o tempo todo a nossa experiência. Então, se um supervisor e um supervisionado acham que é importante acompanhar o paciente o tempo todo, ótimo, que façam isso. Eu só acho que o que é negativo é que haja uma imposição, que *tenha* que ser assim, que *tenha* que haver um acompanhamento de um paciente do começo ao fim com o supervisor, pois isso é um protocolo aprisionante. O que a gente vê na supervisão é que os supervisionados levam casos variados em momentos mais variados. Às vezes, ele leva um caso com o qual teve muita dificuldade durante um período mais ou menos longo, mas depois o supervisionado passa desse para outro caso, ou seja, uma liberdade em relação a esse acompanhamento, em relação à supervisão. Eu também acho que não há nenhuma regra em relação à supervisão ser com o analista ou com outro analista, eu acho que é uma coisa a ser decidida em análise.

Uma das grandes discussões que aconteceu em Berlim, naquela época lá do começo, foi que em Berlim se achava que a supervisão podia ser feita com o próprio analista, enquanto em Viena se achava que ela tinha que ser com outro, dando início a uma discussão. A IPA acabou adotando essa segunda versão, em que a supervisão não pode ser feita com o próprio analista, tem que ser feita com outro. Lacan quebrou isso também, ou seja, introduziu, mais uma vez, liberdade. Assim, se o analista em formação, o supervisionando, quer fazer supervisão com seu analista, por que não pode fazer? Desde que o analista concorde também, pois, às vezes, um supervisionando diz que queria fazer supervisão conosco e podemos achar melhor que ele faça com outra pessoa, por algum fator, e se diga: “Não tem outro analista que você gostaria de falar sobre seus casos? Seria interessante, eu acho, você ter supervisão com outro analista”. Tudo é possível, ou seja, a *sintonia analítica* precisa estar o tempo todo regendo a experiência, e sintonia analítica implica em liberdade de fala e deliberação a cada momento da formação do analista. A própria maneira pela qual a supervisão surgiu na história da psicanálise é muito instrutiva. Hanns Sachs era um analisando de Freud que foi convidado por um grupo de pessoas – que estavam querendo fazer análise de formação em Berlim – para se transferir para lá e ser o analista delas. Após o convite, Sachs consultou Freud para ver o que ele achava. Ele achava uma boa ideia, e então, Sachs foi para Berlim dar análise para esse grupo. No meio desse processo, os analistas em formação começaram a atender pacientes e começaram a levar para as análises com Sachs as questões relativas a seus casos clínicos. Hanns começou a ficar confuso com essa dupla dimensão que surgiu nas análises, a um ponto tal que reuniu todos eles um dia para propor a eles que, a partir daquele momento, teriam atividades separadas: sessão de análise é uma coisa e sessão para falarem dos seus pacientes é outra coisa. Foi assim que nasceu a supervisão, não é

interessante? Porque a supervisão não nasceu de um protocolo cerebral de que tem que haver supervisão, que os analistas têm que ter um analista mais experiente que os ensine a clinicar. Não, ela nasceu espontaneamente de um processo verdadeiro, real e que desembocou nisso. Então, acho que ela precisa continuar sendo assim, acontecer espontaneamente, foi o que Lacan quis fazer na Escola Freudiana de Paris. Os analistas faziam supervisão quando achassem que seria necessário, quando achassem que aquilo seria importante. Havia grandes supervisores na escola de Lacan, além dele próprio, o mais importante deles foi Jean Clavreul, que escreveu *A ordem médica*, considerado um grande supervisor e quase todo mundo fazia supervisão com ele.

**GLÓRIA:** Essa origem da supervisão é apresentada no seu livro. Foi o único lugar onde eu li sobre isso.

**MARCO ANTONIO:** Eu apresento ali. Quem conta essa história é o Safouan no livro *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*, que é uma joia. Ele tem apenas três breves capítulos: “Antes de Lacan”, “Depois de Lacan” e “Princípios mínimos para uma sociedade de psicanalistas”. É um livrinho fabuloso, que está esgotado e eu desejo republicar, porque é uma joia. Ele aborda tudo bem analiticamente.

**GLÓRIA:** Muito obrigada!

**LAVÍNIA:** Fernanda, também quer fazer alguma colocação?

**FERNANDA:** Quero sim. Marco, eu lembro que uma vez, assistindo uma das suas aulas lá no Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, você disse uma coisa que me marcou muito. Parece óbvia, mas tem alcance ético imenso, que é a existência da psicanálise depender da existência de psicanalistas. Não sei se você se lembra de ter dito isso, mas me colocou para trabalhar e é uma

coisa sobre a qual eu venho pensando e queria ouvir muito o que você pensa disso. Se há desejo do analista e se há desejo por parte do analista em formação em se formar analista, será que a gente pode dizer que existe também um desejo de formar analistas e talvez esse desejo seja aquilo que sustenta a escola? Essas pessoas, que são esses passadores, são de um colegiado de uma escola. Eu venho pensando muito nisso, um lugar de uma escola de psicanálise na transmissão de sustentar a psicanálise. Pois existe isso? Desejo de formar analistas? O que você pensa disso?

**MARCO ANTONIO:** No momento em que você falou, passou a existir. Eu acho que já existia antes e por isso que você falou. Eu acho bem interessante o desejo do analista tendo a ver com essa transmissão da psicanálise. No meu livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 3: A prática analítica*, no último capítulo, falo de uma coisa semelhante a isso. O que você colocou é a mesma coisa colocada no plano da formação, e eu coloco no plano da experiência analítica, que forma um analista. Foi ótimo, Fernanda, você tocar nesse conceito do desejo do analista, porque eu não toquei nele e foi uma grave omissão minha. Uma das grandes contribuições de Lacan para a formação permanente do analista é o conceito de desejo do psicanalista. Então, eu coloco que o desejo do analista pode ser definido como um desejo de despertar e o despertar, vocês sabem, é um conceito lacaniano. Despertar do quê? Despertar do sono e do sonho fantasístico, no qual estamos mergulhados continuamente. Nós somos seres fantasísticos e delirantes. O que a psicanálise propõe é que a gente saia um pouquinho, pelo menos tire a cabecinha para fora, e dê uma olhadinha no real. E mesmo que depois a gente volte, uma olhadinha de vez em quando faz bem, ou seja, que a gente consiga atravessar a fantasia. Lacan, no final, já achou que todo mundo era delirante mesmo, não era nem fantasia, era mais delírio do que outra coisa.

Então, eu falo do desejo de despertar e aí eu falei uma coisa semelhante a isso que você trouxe, que o desejo do analista é o desejo de despertar o desejo de despertar. Eu desejo despertar no sujeito o desejo de despertar, e isso tem uma relação com o que você falou, porque, no fundo, isso vai produzir uma relação da existência do analista com a transmissão do analista.

Uma coisa para a qual eu chamei atenção recentemente, que eu pretendo trabalhar mais e que eu acho que ajuda a gente entender mais Lacan, é entender uma coisa simples: vocês sabem que, muitas vezes, se diz que Lacan não apresenta caso clínico, ele apresenta pontualmente algo aqui ou outro ali; ele quase não fala de caso clínico dele, só fala dos casos clínicos do Freud, da Melanie Klein, de todo mundo, menos dele. Por quê? Eu coloquei uma pergunta. Por que será? Minha resposta é porque lá tem um único caso clínico apenas que interessa a ele: o analista. Esse é o grande caso clínico de Lacan. Se vocês lerem Lacan sob essa ótica, vocês vão entender muito melhor. Ele está o tempo todo falando do analista enquanto um caso clínico, ou seja, enquanto uma análise que é levada até o fim para a produção de um analista. Reparem nisso em Lacan, toda hora que ele pode, ele faz referência à questão da análise do analista, da formação do analista. Por isso, esse conceito do desejo do analista é absolutamente essencial. É ele que consegue monitorar todas as reflexões de Lacan sobre esse assunto.

**DERMEVAL:** Eu tenho uma questão para formular. A formação permanente do analista vai ser a renovação de uma formação que, num dado momento, foi concluída ou será o permanente trabalho de uma formação que é interminável e infinita? Quer dizer, num dado momento, ela terminou e, então, ela vai se repetir, vai se renovar ou então ela nunca terminou e, por isso, ela é interminável e infinita. Então, quer dizer, em qual das duas figuras vai acontecer essa formação permanente? E

pelo que eu li de um texto teu, a resposta vai ser mais no sentido da segunda.

**MARCO ANTONIO:** Concordo com você. Tem uma frase do Lacan nos *Outros Escritos* que é a base dessa ideia que você falou e eu vou ler essa frase aqui. Os *Outros Escritos*, vocês sabem, é um livro quase todo sobre a questão da formação para o analista. Ele fala claramente sobre a formação do analista, em grande parte pelo menos. Aqui a frase: “o passe como o mar deve ser sempre recomeçado”, na página 372 de *Outros Escritos*. “O passe, como o mar, deve ser sempre recomeçado. Há passe, sim. Há passe, mas nada está conquistado definitivamente”, por isso que a formação é permanente. Não chega à formação e ponto, “me formei”, “acabou”. Não. A formação recomeça porque ela é uma reconquista constante. E a cada vez que a gente abre a boca para falar de psicanálise ou a cada vez que a gente recebe um outro analisando para falar sobre

a vida e o sofrimento dele, nós recomeçamos todo o processo de novo. Esse processo é novamente recolocado em questão e tem que ser atravessado. Nossa posição analítica tem que ser reconquistada porque os obstáculos se colocam o tempo todo.

Não podemos esquecer que Freud disse que psicanalisar é impossível. Há um impossível em jogo, uma dificuldade radical no limite da experiência analítica, mas que nem por isso nós vamos deixar de psicanalisar. Nós vamos enfrentar esse impossível e possibilitar o máximo possível que haja psicanálise. Por isso, talvez, que haja a formação permanente, pois psicanalisar é impossível. Porque psicanalisar é impossível no limite, no horizonte, a formação é permanente. Não se pode dizer que se acabou a formação.

**LAVÍNIA:** É uma forma maravilhosa de terminar essa conferência.

**MARCO ANTONIO** é Psicanalista; Psiquiatra; Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro; Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; Membro da Association Insistance e Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.

Contato: [macjorge@corpofreudiano.com.br](mailto:macjorge@corpofreudiano.com.br)

# A incidência ética da psicanálise e o campo do feminino: um ensaio

Por Fernanda Samico

A cada sessão, no ato de convidar a falar, o psicanalista renova a aposta freudiana na radicalidade que representa a experiência do inconsciente para o sujeito. É do *pathos*, do espanto do analisando diante de sua condição de *falasser*, que a teoria psicanalítica retira os elementos fundamentais para sua eterna construção teórica:

O analisante escreve sua tragédia e o analista pontua-lhe o texto cuja tinta se imprime na alma – e assim é a refundação desta experiência: de sua pesquisa no divã o analisante pode se fazer letra de uma outra pesquisa: a psicanalítica (IRIBARRY, 1999: 45).

Lacan ensina que é a partir do “universo mórbido da falta” (LACAN, 1997 [1959/60]: 10) que o destino ético do sujeito é confrontado, por ter a linguagem como ferramenta para se haver com sua existência. Esse universo da falta tem na inexistência da relação sexual seu efeito na linguagem. Do impossível da relação sexual só é possível criar enunciados, falar disso para tentar dar um contorno ao indizível.

É na prática da clínica psicanalítica que se mede o real pelo impossível de se dizer, ensina Lacan. Esse campo tem como norte trazer o que é da ordem do sofrimento para o regime da palavra. Mas, diferentemente das psicoterapias que também se utilizam da palavra, a experiência psicanalítica está sempre apontando para a direção do ab-senso (ab-sens), da ausência. Ou seja, ao optar eticamente em colocar como agente do seu discurso o que é indizível, a psicanálise se apoia no real, ponto de fuga da referência simbólica, no imponderável que extrapola a possibilidade de apreensão. O real, entendido como aquilo que é impossível de simbolizar, comparece na

interrogação nuclear da psicanálise, a saber, a questão da diferença sexual.

Lacan articula esta questão, mais rigorosamente, entre seus seminários 17 (1969-70) e 20 (1972-73), momento em que começa a esboçar a demonstração lógica de que as categorias “masculino” e “feminino” funcionam como campos específicos de gozos. Ensina Roudinesco (1998):

No contexto de sua última reformulação lógica, na qual apareceram as ideias de matema e nó borromeano, Jacques Lacan construiu, em 1973, um matema da identidade sexual, mediante o qual tentou superar o falicismo freudiano e estabelecer sua própria concepção de sexualidade feminina e da diferença sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998: 703).

Com a finalização da criação das fórmulas de sexuação, apresentadas em seu seminário 20 (1972-1973), Lacan anuncia um novo paradigma para a investigação sobre a sexualidade humana. A perspectiva do Seminário 20 sugere que o que há de novo, o que lhe pode abrir caminho nesse seminário, é justamente a possibilidade de articular a demarcação lógica do gozo além do gozo fálico, que era até onde Lacan já havia caminhado. Ele articula, então, do lado feminino, outra modalidade de gozo com uma lógica que se define pelo não-todo. Com isso, o campo do gozo é repartido em dois modos distintos: um masculino e um feminino.

Se lermos os enunciados das fórmulas de sexuação, perceberemos que tanto o modo masculino quanto o feminino são também indicadores de uma divisão do sujeito, e a escolha de uma das posições é efeito da localização do *falasser* em um dos campos. Em outras palavras, a diferença de posição

ou de identificação de sexuação se institui a partir da maneira pela qual se inserem como sujeitos em uma das posições de sexuação.

É interesse para nossa argumentação chamarmos atenção à formulação lógica do lado feminino: na posição feminina das fórmulas, não há nenhum que não esteja submetido à castração. Portanto, se não há exceção, conseqüentemente, não há regra. Na lógica fálica do grupo fechado, a mulher, diferentemente do homem, não participa de uma regra, desse conjunto fechado que o *phallus* delimita, a não ser que se localize do lado da posição masculina, identificando-se com a regra “para todos”. Dito de outra maneira, do lado da inscrição feminina dos seres falantes, não há nenhuma universalidade, não há conjunto fechado. Se não há mulher que não esteja submetida à castração, não há exceção à regra. Resta, então, às mulheres localizarem-se divididas perante a castração, e essa divisão exerce uma determinação da identidade e do gozo feminino. As mulheres estão, em parte, submetidas ao gozo fálico e, em parte, a um gozo suplementar do qual nada sabem (LACAN, 1972-73/1985). São, nomeadamente, não-todas.

Desde os primeiros escritos lacanianos sobre o feminino, a mulher é localizada na fronteira entre um lugar de ausência e outro de pura sensibilidade, a partir de um posicionamento limítrofe, que a cinde e a determina como não-toda fálica. As mulheres são um pouco loucas, uma vez que portam uma dupla referência ao *phallus* e ao furo, deparando-se com a castração e, em última instância, com a falta de um significante no campo do Outro:

O que a parte inferior do lado direito indica é justamente a impropriedade de se falar da mulher pelo artigo definido, que deve ser escrito com a barra, já que não existe *La Femme non barrée* (não castrada). Do lado das mulheres, não existe um significante que dê conta do gozo feminino. Por isso, elas se relacionam com a falta no campo

significante [S(A/)] em relação ao gozo (BISPO e SILVA COUTO, 2011: 126)

Lacan, sobre o gozo feminino, afirma:

Esse não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com S(A/), e já é nisso que ela se desdobra, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com  $\Phi$  (LACAN, 1972-1973/1985): 75).

Além disso, adverte-nos que o gozo feminino, chamado de “Outro gozo”, não chega a compor um outro gozo, mas se especifica por ser suplementar, ou seja, por ser o que vai além do *phallus*: “Há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo, que é (...) para além do Falo” (*id.*: 100).

O feminino encarna a diferença. Lacan, portanto, a partir do seminário 20, passa a abordar a posição feminina a partir do gozo, mas do gozo Outro, chamado suplementar, que, diferentemente do gozo fálico, não é identificatório porque ultrapassa o sujeito. Aproximamos esse gozo ao real pelo que porta de fuga do sentido e de extimidade. Portanto, podemos pensar que a operatividade da análise se sustenta em uma posição feminina.

Há uma singularidade na lógica do tratamento em psicanálise que também existe na contingência da posição feminina. Exatamente por não ser possível uma escrita que formule o encontro possível entre os sexos, entramos no campo do indecifrável, do indizível. A partir desse indizível é possível convocar a dimensão do ato de dizer que traz em si o que cada sujeito pode articular para tentar responder à pergunta, sempre repetida, da não relação sexual, seu senso ab-sexo (LACAN, [1972] 2003). Aqui se inscreve a radicalidade da psicanálise, pelo que se diferencia de todas as práticas chamadas psicoterapêuticas.

As psicoterapias visam restaurar a base da fantasia, abalada por alguma contingência da vida. No lugar das significações abaladas, colocam-se outras para restaurar e colmatar

uma falha (SOLER, 1995). E assim, o discurso cria um deslizar de ditos, que segue incessante até que se produza um conjunto de significações que possa abrandar a angústia causada pela vacilação da fantasia. Levar em conta a lógica do não-todo no manejo clínico é obter o efeito inverso da psicoterapia: é a produção do novo que, distanciado da repetição de significações, causa a separação justo onde se localiza a fronteira entre o sujeito e o objeto.

Contrariamente às terapias psicológicas que também tratam pela linguagem e pela escuta, a psicanálise trata, acima de tudo, do “traumatismo da linguagem pela escrita formal do sintoma. Ela não identifica, ela descompleta” (BROUSSE, 2003, p. 23). A operação desse lugar só é possível a partir do objeto  $a$ , enquanto agente de seu discurso.

A psicanálise é entendida, também, como um discurso, ou melhor, como aquilo que produz liame social. Mas não é qualquer discurso porque, subversivamente, não se pretende como tal. O discurso do psicanalista é aquele que coloca o saber no lugar da verdade, e isso produz consequências muito específicas, porque a verdade, como uma certeza total e compacta, não tem lugar na psicanálise: “Tal uso (...) é particularmente desprovido de esperança. E é justamente isso que ele tem de mais sadio”, afirma Lacan (1969-70/1992, p. 57).

A marca desse discurso, que queremos ressaltar, é ter o objeto  $a$  no lugar de agente. Agenciar o discurso como objeto  $a$  significa apresentar-se como aquilo que fura o discurso a partir de seu efeito mais opaco e de rechaço, representando o resto da operação da linguagem. Implica, ainda, oferecer-se “como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber (LACAN, 1969-70/1992, p. 112). O analista se oferece como ponto de vista para ser a causa do desejo do

analizando. Este, por sua vez, é encorajado a dizer o que lhe vier à mente, mesmo quando isso o revele como dividido. O que é produzido, podemos pensá-lo como interpretação, como um sentido que é adicionado ao conhecimento inconsciente. No entanto, é necessário atentar que essa soma não faz o total, ou a totalidade, já que há sempre uma disjunção – decididamente essencial – entre produção e verdade. Notemos, ainda, sobre essa disjunção, que, se no discurso do mestre se exclui a fantasia, no discurso do analista se permite uma escrita clara deste (CHEMAMA, 2015). Para Diana Rabinovich, a função do psicanalista é:

[...] colaborar no advento e no reconhecimento do desejo inconsciente, função que se indica no discurso do analista, através desse impossível que, no manifesto, articula a sua primeira linha: \$ <> a, a fórmula da fantasia, através da qual o "a" lhe chega ao sujeito. [...] Fazer surgir o objeto causa de desejo do dizer do analisante nada tem a ver com uma suposta adequação do paciente à 'realidade', no sentido habitual do termo; não implica qualquer juízo sobre qual seja o melhor objeto para o sujeito, a não ser a recuperação da sua dignidade enquanto sujeito (RABINOVICH, s/d, p. 17).

Cabe ressaltar que esse é o único discurso no qual o lugar de agente é ocupado pelo objeto, sem a pretensão de haver ali um sujeito. Assim, é de uma proposta de silêncio do agente do discurso que virá o caráter subversivo do discurso do analista. Lacan (1969-1970/1992a) dirá ainda que o que há de mais subversivo nesse discurso é não pretender nenhuma solução:

O discurso do analista quer, então, que o infinito do gozo da Mulher questione as posturas fálicas e instaure o tornar-se, já que ficou demonstrado que substantivar (ou essencializar) o sujeito com afirmações sobre o que ele é, sobre sua identidade, é um mero engodo. É necessário contar com o Pai a fim de constatar que a filiação proporcionada pela metáfora paterna não dá a esperada garantia. E, a partir daí, correr o risco de criar decisões, de inventar a partir da indecidibilidade que o objeto extralinguístico fará surgir e do sinthoma resultante da análise (PINTO, 2009: 30).



Cabe, então, pensar em uma direção de tratamento mais avizinhada ao campo do feminino. Preocupada, acima de tudo, em causar a mais pura diferença a partir da não elisão do real e do acolhimento do que é próprio do ser falante e da sua condição desamparada diante da linguagem, do desejo e do gozo. Para, a partir do contingencial que se localiza no campo do feminino, mostrar o que não muda da ordem do necessário e que se fixará como *sinthoma*.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. Fórmulas de “O Aturdito” In BADIOU Alain & CASSIN, Barbara. *Não há relação sexual - duas lições sobre “O Aturdito” de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BISPO, Fábio Santos; SILVA COUTO, Luis Flávio. Ética da psicanálise e modalidades de gozo: considerações sobre o Seminário 7 e o Seminário 20 de Jacques Lacan. In *Estudos de Psicologia*, vol. 16, núm. 2, maio-agosto, 2011, pp. 121-129.

BROUSSE, Marie-Hélène. O analista e o político: “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. In: \_\_\_\_\_. *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003. p. 13-32.

CHEMAMA, Roland. El reverso del psicoanálisis (1969-1970). In: SAFOUAN, Moustapha. *Lacaniana II: los seminarios de Jacques Lacan (1964-1979)*. Buenos Aires: Paidós, 2015. p. 169-187.

IRIBARRY, Isac. Nikos. Por uma ontologia da ética da psicanálise. Um exame da posição ética do psicanalista nos domínios da psicopatologia fundamental. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, v.12, 1999, p. 44-54.

LACAN, Jacques. (1972). O Aturdito. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 7: A ética da Psicanálise [1959-1960]*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 17: O avesso da Psicanálise [1969-1970]*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda [1972-1973]*. Jorge Zahar Editor, 1985.

PINTO, Jeferson Machado. A operatividade do discurso do analista: encontro faltoso e posição feminina. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, set. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952009000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 jul. 2015.

RABINOVICH, Diana. *O psicanalista: entre o mestre e o pedagogo*. Reorganizado por Luís Flávio Couto: mimeo. s/d.

ROUDINESCO, Elizabeth; & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOLER, Colette. Interpretação: as respostas do analista. *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 13. Agosto 1995.

**FERNANDA SAMICO** é Psicanalista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise e diretora do Núcleo Vassouras da mesma Escola. Doutora e Mestre em Psicanálise – Clínica e Pesquisa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Contato: [fesamico@gmail.com](mailto:fesamico@gmail.com)



ENCONTRO NACIONAL  
COLÓQUIO INTERNACIONAL

organização: seção fortaleza | seção rio de janeiro

O feminino e a política da psicanálise  
**O feminino e a política da psicanálise**



18 - 19 - 20  
NOVEMBRO  
**2021**

ONLINE  
[corpofreudiano.com.br](http://corpofreudiano.com.br/encontronacional2021)  
[/encontronacional2021](http://encontronacional2021)

**CORPO FREUDIANO**  
**ESCOLA DE PSICANÁLISE**

# Núcleo Dourados (MS)



**Escola de Psicanálise Corpo  
Freudiano Núcleo Dourados**

Formação Permanente

*Psicanálise e Política*

Seria o afeto uma potência  
de transformação política?

**Tiago Ravello**



Membro do Corpo Núcleo Dourados  
Pos-doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutor em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ) tendo parte de seu doutorado sido realizada na Université de Paris-X (Nanterre)  
Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e coordenador do curso de Graduação em Psicologia/FACH.

**28 de Setembro**  
**26 de Outubro**

18:00 horário de MS  
19:00 horário do RJ

Evento online pelo Zoom

Aberto para não membros



**Escola de Psicanálise Corpo  
Freudiano Núcleo Dourados**

formação Básica

*O feminino na psicanálise  
e os registros Real,  
Simbólico e Imaginário*

**Joana Souza**

05 e  
19 de  
Outubro

18:00 horário de MS  
19:00 horário do RJ



Evento online pelo Zoom

Psicanalista com doutorado em Memória Social pela UNIRIO e em Psicologia pela Université Côte d'Azur - Nice - França. Diretora do Corpo Freudiano de Teresópolis.

# Núcleo São Paulo (SP)



CPMG





convidam  
para o lançamento do livro:

**A erótica do sono**

Ensaios psicanalíticos sobre a  
insônia e o gozo de dormir

de Mario Eduardo Costa Pereira



**20hs**

**14 de outubro 2021**



O autor conversará sobre sua obra com os psicanalistas:

Denise Maurano  
Eljana Pereira Mendes  
Guiomar Antonieta Lage  
Marco Antonio C. Jorge

Plataforma ZOOM  
ID 884 8893 2560



# acontecidos

## Núcleo Brasília (DF)

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

aula inaugural  
Formação Básica

A função dos mitos e da tragédia no campo da teoria e da clínica psicanalítica

com Marco Antonio Coutinho Jorge

**02.AGO.2021**  
19h30 às 21h30

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

CONFERÊNCIA DE  
**LAÉRIA FONTENELE**

**FREUD, O FEMININO E A DIVERSIDADE**

**14.AGO.2021**  
às 10h00

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

**ÉDIPO REI, ÉDIPO TRÁGICO: LEITURA(S) DE SÓFOCLES**

Beatriz de Paoli

**05.AGO.2021** 19h30 às 21h00

INTERLOCUÇÃO COM OUTROS CAMPOS DO SABER: O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER?

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

atividade da  
Formação Básica

Conferência  
**arte  
repetição  
real**

**14.JUN.2021**  
19:30

Vivian Ligeiro

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

**19.AGO.2021**  
19h30 às 21h00

O DIREITO DE SER CRIANÇA

Eliane Araque

INTERLOCUÇÃO COM OUTROS CAMPOS DO SABER: O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER?

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

Formação Básica

**Teresinha Costa:**

**16.AGO.2021**  
O percurso histórico do Complexo de Édipo na obra de Freud  
19h30 às 21h30

**23.AGO.2021**  
O caso Hans  
19h30 às 21h30

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

**DENISE MAURANO:**

Os Esquemas L, R e I

**16.SET.2021** às 19h30

INTERLOCUÇÃO COM OUTROS CAMPOS DO SABER: O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER?

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

Formação básica

O Nome-do-Pai e seu mais além

**SONIA LEITE**

**13.SET.2021**  
às 19h30

INTERLOCUÇÃO COM OUTROS CAMPOS DO SABER: O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER?

**JULIANA MADDALENA:**

ID: 726 196 8289  
Senha: corpobsb

**30.SET** às 19h30

**LITURATERRA 50 ANOS**  
Um encontro entre Lacan e as grafias da Terra

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

**Brasília**  
núcleo

**NATÁLIA TRAVASSOS:**

**02.SET.2021** às 19h30

A TRANSEXUALIDADE NA CULTURA E NA PSICANÁLISE

INTERLOCUÇÃO COM OUTROS CAMPOS DO SABER: O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER?

## Núcleo Dourados (MS)

**Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados**

Atividades de Férias

**"Relatos da experiência de cartel"**

27 DE JULHO  
18:00 HORÁRIO DO MS

Evento online pelo Zoom

**Convidadas**

Eleonora Dib Chacur Naked  
Maria L. Albuquerque  
Vanessa M. Toderò



**ESCOLA DE PSICANÁLISE CORPO FREUDIANO NÚCLEO DOURADOS**

Formação básica

**RSI & SEXUALIDADE**

**NATALIA PEREIRA TRAVASSOS**  
Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ/Bolsista CAPES. Especialista na área de doenças infecciosas parasitárias pelo Programa de Residência Multiprofissional do HUCFF/UFRJ.

14 e 21 de setembro  
18:00 horário de MS 19:00 horário do RJ  
Evento online pelo Zoom

**Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados**


Formação Básica

**Francisco Frazão**

**Imaginário e Psicose**

Médico psiquiatra e psicanalista, mestre em teoria e clínica psicanalítica pela UERJ, membro fundador da seção corpo freudiano de São Luís, preceptor da residência médica em psiquiatria.

06 e 13 de julho  
18:00 horário de MS  
19:00 horário do RJ  
Evento online pelo zoom



**Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados**

Formação Básica

03 e 10 de agosto

**RSI**

O corpo em RSI e a clínica do trauma.

**Ormy Madeira**  
PSICÓLOGA CLÍNICA E PSICANALISTA; BOLSISTA EM PSICANÁLISE DO PGP/SA-UERJ; MESTRA EM PSICANÁLISE; PPG/SA-UERJ; DIRETORA DO NÚCLEO DO CORPO FREUDIANO EM BRASILIA.

18:00 HORÁRIO DE MS  
EVENTO ONLINE PELO ZOOM



**Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados**

**Psicanálise e Política**

Tema: Psicanálise e política: algumas aproximações.

**Raymundo de Oliveira Reis Neto**  
Psicanalista, mestre e doutor em psicologia clínica pela PUC/RJ. Membro do núcleo Nova Friburgo do Corpo Freudiano.

24 e 31 de agosto  
18:00 horário de MS  
19:00 horário do RJ  
Evento online pelo Zoom

## Seções São Luís (MA) e Imperatriz (MA)

**CORPO FREUDIANO**  
ESCOLA DE PSICANÁLISE  
SEÇÕES SÃO LUÍS E IMPERATRIZ -MA

**CICLO DE SEMINÁRIOS PREPARATÓRIOS**

**XI ENCONTRO NACIONAL DO CORPO FREUDIANO**

**SAVE THE DATE**

**SEMINÁRIO**  
ENTRE DOIS IMPOSSÍVEIS: A AUTONOMIA DO SUJEITO E A HETERONOMIA DO COLETIVO

MINISTRADO POR DOMINGOS INFANTE  
MÉDICO PSIQUIATRA HC/USP, PSICANALISTA (SP)

DATA: 22/06/21  
HORÁRIO: 19H30 ÀS 21H30  
EVENTO PELO GOOGLE MEET

MAIORES INFORMAÇÕES (99) 98266-1015 - SEÇÃO ITZ (98) 991254080 - WILLIAM

CORPOFREUDIANO.COM.BR






## Seção Imperatriz (MA)

 **CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**  
**SEÇÃO IMPERATRIZ - MA**

Apresenta o Seminário

### OS DESTINOS DA PULSÃO

**Lúcia Perez:** Psicóloga e Psicanalista Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - seção Rio de Janeiro. Professora Dra da UNIRIO (Escola de Educação e Escola de Medicina e Cirurgia). Professora do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas - UERJ.

**Data:** 23/09/21 - Quinta-feira  
**Horário:** 20:00 às 22:00h  
**Evento Online Plataforma Zoom**  
**ID:** 886 1917 4072  
**Senha:** 002211

**Mais informações:**  
**Telefone:** (99)98266-1015  
**Instagram:** @corpofreudianoimperatriz



## Núcleo Teresópolis (RJ)

Corpo Freudiano Núcleo Teresópolis

*cine freud*  
Dia 2 de setembro, 19h



**Através de um espelho**  
INGMAR BERGMAN

Debatedora: Maysa Puccinelli  
Doutora pelo programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, em cotutela com a Université Côte d'Azur, Nice, França.

 **AS PSICOSES**

Prof. Dr. Mario Eduardo Costa Pereira  
Diretor do Corpo Freudiano Núcleo São Paulo

Sábado . 4 de setembro . 9h30 às 12h30

**CORPO FREUDIANO NÚCLEO TERESÓPOLIS**  
Tel.: 98702-3877 - teresopolis@corpofreudiano.com.br  
Formação Básica Módulo: Introdução às Estruturas Clínicas

**A neurose obsessiva e seu mecanismo**

Profa. Dra. Laéria Fontenele  
Diretora do Corpo Freudiano Seção Fortaleza

Sábado - 2 de outubro - 9h30 às 12h30



**CORPO FREUDIANO NÚCLEO TERESÓPOLIS**  
Tel.: 98702-3877 - teresopolis@corpofreudiano.com.br  
Formação Básica Módulo: Introdução às Estruturas Clínicas

## Núcleo Porto Alegre (RS)

**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**

**NÚCLEO PORTO ALEGRE**  
**CARTEL "O FEMININO NA PSICANÁLISE"**  
CONVIDA

SEMINÁRIO  
**O GOZO FEMININO NA PSICOSE**  
Considerações sobre o caso *Aimée*, de Lacan

Dia 27/08/2021  
20h às 22h

Coordenação: Francisco Frazão  
Corpo Freudiano Seção São Luiz



 **CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**  
**NÚCLEO PORTO ALEGRE**  
CONVIDA PARA O CARTEL ABERTO

**O GOZO FEMININO NAS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO**

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

Plataforma Zoom  
Sexta-feira - 30/07/2021  
20h às 22h



**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**

**NÚCLEO PORTO ALEGRE**  
**CARTEL ABERTO "O FEMININO NA PSICANÁLISE"**  
CONVIDA

SEMINÁRIO  
**A NEUROSE OBSESSIVA NO FEMININO**  
Dia 24/09/2021  
20h às 22h

Coordenação: Mário Eduardo Costa Pereira  
Corpo Freudiano Núcleo São Paulo

Atividade aberta aos membros da Escola  
Participação via Zoom



**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**  
**NÚCLEO PORTO ALEGRE**

SEMINÁRIO TEMÁTICO  
**O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO - na Clínica, na Cultura e na Política**

Encontros mensais, dias 20/08, 17/09, 22/10 e 26/11.  
Das 10h às 12h  
Plataforma Zoom  
Investimento mensal: R\$ 100,00 (profissionais)  
R\$ 70,00 (estudantes)

Coordenação: Rosana Coelho  
Inscrições e informações: corpofreudianoportoalegre@gmail.com  
Vagas limitadas



# Seção Belém (PA)



## O ENIGMA DOS SONHOS NA INTERPRETAÇÃO DE SIGMUND FREUD

### CURSO DE FÉRIAS



**Alexandre M. F. de Azevedo**  
Psicanalista e professor da Universidade Federal do Pará. Doutor em Antropologia. Membro do Corpo Freudiano – Seção Belém.

**Visitação:**  
secretaria.corpo@clinica-belém@gmail.com  
(91) 98162-7250

**Programação:**  
Dias: 8, 15, 22 e 29 de julho de 2021  
Horário: 19h30 a 21h00

**Objetivo:**  
O curso oferecerá aos participantes uma leitura sobre os sonhos como uma das formações do inconsciente, bem como o conhecimento sobre a técnica aplicada na sua interpretação. Tendo como suporte a teoria dos sonhos de Freud, pretende-se retomar algumas de suas concepções fundamentais que possuem iluminar o trabalho de interpretação de sonhos na clínica psicanalítica.

**Ementa:**  
Considerações introdutórias sobre o método da interpretação dos sonhos, o sonho como realização de desejo, a ilustração onírica como efeito da realização de desejo. Análise do sonho da ingestão em Irma (1895) sobre os sonhos de crianças em tempos de pandemia; sonhos típicos em crianças e adultos; sonhos e fantasias na perspectiva de análise do caso "O pequeno Hans". O trabalho do sonho: condensação, deslocamento e figuração nos sonhos; o signo ao significante e a plasticidade do símbolo na interpretação dos sonhos.

# Núcleo Macaé (RJ)



## 1ª Aula da formação básica 2021 - 2

dia 14/08 - sábado às 9:30  
(Zoom - link no dia 13/08)

### Psicoses I - As psicoses na clínica psicanalítica

"Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-pai, verworfen, foraluído, (...) seja ali invocando em oposição simbólica ao sujeito.

É a falta do Nome-do-pai nesse lugar que (...) dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente da imagindria, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante."

(Lacan, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose - Escritos - 1966, p. 564)



**Francisco Frazão**

- Médico psiquiatra e psicanalista
- Mestre em Psicanálise pela PPGSA - UERJ
- Cofundador da CIAMM (Centro de Infância e da Adolescência Maud Mermann)
- Membro Corpo Freudiano Seção São Luiz - MA



## Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

NÚCLEO MACAÉ  
Desde 2007



### Aula da formação básica 2021-2

dia 28/08 - sábado às 9:30  
(Zoom - link no dia 13/08)

### Psicoses II - Problema estrutural da melancolia de Freud a Lacan

"Assim, a unidade do objeto em si e dele e, em si dele, dá por diante, ser julgado por um agente-espacial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado."

(Freud, *Leção preliminar - 1907* - pag. 204, 205)

**Felipe Castelo Branco**

- Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
- Doutor em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
- Desenvolve parte de sua pesquisa de doutorado na Université Paris XIII - Paris Nord na França
- Mestre em Psicanálise pela UERJ
- Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
- Atuando como supervisor no Corpo Freudiano seção Rio de Janeiro



## Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise, Macaé - RJ

Convida:

### Conferência:

## "Introdução às estruturas clínicas de Freud a Lacan"

**Palestrante: Marco Antonio Coutinho Jorge**, médico psiquiatra e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do Curso de Psicologia da UERJ; Diretor do Corpo Freudiano, Seção Rio de Janeiro



Plataforma Zoom  
Terça-feira - 03/08  
19:30 às 21:00



## Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

NÚCLEO MACAÉ  
Desde 2007



### Aula da formação básica 2021-2

dia 11/09 - sábado às 9:30  
(Zoom - link no dia 10/09)

### Neurose Obsessiva I: Recalque, linguagem e afeto na neurose obsessiva

"A neurose obsessiva não serve de exemplo paradigmático para pensar a relação entre o Nome-do-Pai e a estrutura, posto que não há a posse controlada da função paterna, responsável por unir o desejo à lei. Conforme assinalei Lacan (1961, 1991), a neurose obsessiva é a própria estrutura descolada. O que isso quer dizer?"

(Lacanian Research, *Notas e apontamentos - 2014* - p. 103)

**Laéria Bezerra Fontenele**

- Passou mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1995) e doutorado em Sociologia por essa mesma instituição (2000). É Psicanalista e Professora Titular da Universidade Federal do Ceará, atuando na graduação e pós-graduação em Psicologia. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia de 2018 a 2019. É diretora associada da Revista de Psicologia da UFC, Diretora do Laboratório de Psicologia da UFC e o Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Fortaleza-Integra, como membro, o Acadêmico de Letras e Artes da Nordeste.



## Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

NÚCLEO MACAÉ  
Desde 2007



### Aula da formação básica

dia 25/09 - sábado às 9:30h  
(Zoom - link no dia 24/09)

### Histeria I

A histeria e seus impasses com o feminino

"[...] A histeria feminina é uma elaboração do suposto de identificação, em sentido em que fornece a interpretação dos efeitos metalinguísticos da identificação. Essa identificação é o que se chama de identificação com o objeto, e não a identificação com o objeto em si mesmo, como se fosse um objeto, o objeto abandonado."

(Freud, *Leção preliminar - 1907* - pag. 204, 205)

**DENISE MAURANO**

- Pós-doutorado Universidade de São Paulo, São Paulo em 2010
- Laboratório de Pesquisas em Psicologia e Desenvolvimento Psico-social em Letras na PUC RJ (2009)
- Professora Titular da UFRJ (2017)
- Mestre e doutora em Filosofia
- Atualmente no Curso de Direito e no Programa de Pós-graduação em Licenciatura Social
- Escritora, com vários livros e artigos publicados
- Membro Corpo Freudiano Seção RJ



## Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

NÚCLEO MACAÉ  
Desde 2007



### Aula da formação básica

dia 02/10 - sábado às 9:30h  
(Zoom - link no dia 01/10)

### Histeria II: histeria, surrealismo e a invenção da psicanálise

"O anjo do lar: o triângulo do surrealismo-RSFP"

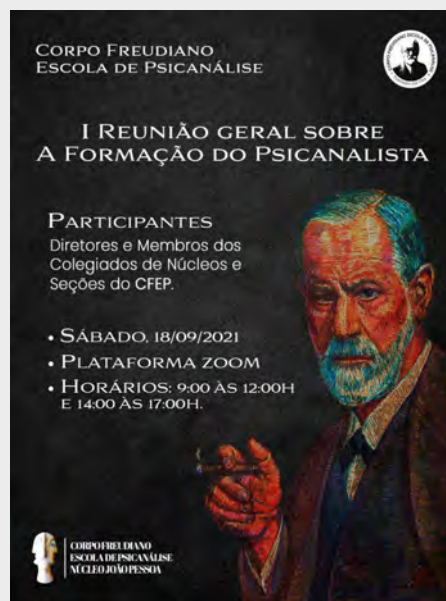
Marx Ernst - (1931-1976)

**Vivian Martins Ligeiro**

- Doutora pelo Programa de pós-graduação em Psicanálise da UERJ com estágio de doutorado/bolvia sanduiche (CAPES) na Université Paris VII-Diderot/Unité de Formation et de Recherche (UFR) - Deslnes psychanalytiques (Paris-França)
- Professora substituta do Instituto de Psicologia da UERJ
- Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ
- Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise - UERJ
- Psicanalista membro do Corpo Freudiano Seção RJ



## Núcleo João Pessoa (PB)



## Núcleo Nova Friburgo (RJ)



## Seção Rio de Janeiro (RJ)





# Núcleo São Paulo (SP)

**Corpo Freudiano São Paulo**

**PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE**

**A MAGIA DA ARTE ENTRE A PSICANÁLISE E O TARÔ**

NO **facebook**

APRESENTAÇÃO: **ARTHUR BLADE**

coordenação: **Daniel Hamer Roizman** para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosapaulo

**LIVE**

**Quinta 26/08 às 20h30**

IDENTIFICAÇÃO: AMANDA RIZZO E DANIEL HAMER ROIZMAN

**Corpo Freudiano São Paulo**

**SEMINÁRIO DE LEITURA 2021**

Coordenador: **Mário Eduardo Costa Pereira**

**Introdução aos Escritos (1966), de Jacques Lacan**

**De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1959)**

Para acompanhar, acesse nossa página no Facebook. Visite nosso canal do Youtube

**Atividade gratuita e sem inscrição / Não será gravada**

TERCEIRA QUINTA-FEIRA DE CADA MÊS DE MARÇO A NOVEMBRO DE 2021

**QUINTA 16/09 ÀS 20H30**

**LIVE**

**Corpo Freudiano São Paulo**

**SEMINÁRIO DE LEITURA 2021**

Coordenador: **Mário Eduardo Costa Pereira**

**Introdução aos Escritos (1966), de Jacques Lacan**

**A significação do falo (1958)**

Para acompanhar, acesse nossa página no Facebook ou no canal do Youtube

**Atividade gratuita e sem inscrição / Não será gravada**

TERCEIRA QUINTA-FEIRA DE CADA MÊS DE MARÇO A NOVEMBRO DE 2021

**QUINTA 19/08 ÀS 20H30**

**LIVE**

**Corpo Freudiano São Paulo**

**PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE**

**A ALEGRIA ENTRE A PSICANÁLISE E O JUDAÍSMO**

NO **facebook**

APRESENTAÇÃO: **LIVE**

**RODOLPHO RUFFINO**

coordenação: **Daniel Hamer Roizman** para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosapaulo

**Quinta 23/09 às 20h30**

IDENTIFICAÇÃO: AMANDA RIZZO E DANIEL HAMER ROIZMAN

# Seção São Luís (MA)

**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE SEÇÃO SÃO LUIS**

**AULA INAUGURAL - FORMAÇÃO BÁSICA 2021.2**

**O ÉDIPLO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES**

COM **DANIELA TEPERMAN**  
Psicóloga, Psicanalista e doutora em Psicanálise (FEUSP)  
Professora Substituta do Instituto Gerar de Psicanálise  
Escritora de obras como "Família, parentalidade e época: um estudo psicanalítico" e "Clínica Psicanalítica com bebês- uma intervenção a tempo"

<b>ATIVIDADE PARA MEMBROS</b>	<b>SEXTA</b> <b>13 DE AGOSTO</b>	Na plataforma Google Meet (endereço divulgado no dia do evento) <b>18h</b>
-------------------------------	-------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------

# Seção Cuiabá (MT)

**FILHO DO FREUD**

(Filho de Freud) Como fazer caber uma ideia ou teoria em uma narrativa gráfica: os desafios de se falar de Psicanálise em quadros de humor.

Facha Urbano é quadrinista, escritor, ilustrador e roteirista. Autor do livro de minicontos Vidas Desprezadas, do livro de distribuição gratuita e intervenção urbana Livro ao Acaso, e da série de tirinhas sobre humor e Psicanálise, As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud, publicada em três volumes.

**CORPO FREUDIANO - SEÇÃO CUIABÁ - GRUPO ARTE, PSICANÁLISE E LITERATURA.**

COORDENAÇÃO DA ATIVIDADE: **MAIRA FAVALI E SHEILA C. DE CARVALHO.**

25 de agosto de 2021  
19h30 - horário de Cuiabá

Interessados, encaminhar e-mail com nome completo para: corpofreudiano.secaocuiaba@gmail.com

EXIBIDA NA PAVILÃO NATIVIDADE - SÃO PAULO

**Seminário "Feminino e Psicanálise"**

com **Elizabeth Cristina Landi**  
Membro do Corpo Freudiano Seção Goiânia

**QUARTA-FEIRA - 18/08/21**  
**20H (HORÁRIO DE CUIABÁ)**

**ONLINE VIA ZOOM**

Evento aberto ao público externo da Escola.

Encaminhar para o e-mail abaixo seu nome completo e no assunto escrever: Seminário Feminino e Psicanálise.  
CORPOFREUDIANO.SECAOCUIABA@GMAIL.COM  
O link será disponibilizado na confirmação da inscrição.

## Seção Campos de Goytacazes (RJ)



## Núcleo Barra Mansa (RJ)



## Seção Paris (Fr)

